



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS
CAMPUS ERECHIM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

PATRÍCIA MARTINS DE ARAUJO

OS INDÍGENAS NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

Erechim
2022

PATRÍCIA MARTINS DE ARAUJO

OS INDÍGENAS NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Zoraia Aguiar Bittencourt

Linha de Pesquisa: Pesquisa em Processos Pedagógicos, Políticas e Gestão Educacional

Erechim
2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Araujo, Patricia Martins de
OS INDÍGENAS NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA /
Patricia Martins de Araujo. -- 2022.
76 f.

Orientadora: Doutora Zoraia Aguiar Bittencourt

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Erechim,RS, 2022.

1. Indigenas. 2. Anos Iniciais. 3. Literatura
Infantil. 4. PNBE. I. , Zoraia Aguiar Bittencourt,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Titulo.

PATRÍCIA MARTINS DE ARAUJO

OS INDÍGENAS NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Zoraia Aguiar Bittencourt

Aprovado em: 27/10/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª Gládis Elise Pereira da Silva Kaercher (UFRGS)

Prof. Dr. Daniel Francisco de Bem (UFFS)

Prof. Dr. Thiago Pereira Ingrassia (UFFS)

Prof^ª. Dr^ª. Zoraia Aguiar Bittencourt (UFFS)

Dedico este trabalho à minha família, às amigas e amigos e, principalmente, à minha orientadora, que sempre estiveram junto a mim, incentivando-me e apoiando-me em todas as minhas decisões, dando coragem para enfrentar os desafios em busca da concretização de meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, minhas irmãs e meu irmão, por sentirem tanto orgulho e acreditarem em mim quando nem eu mesma conseguia fazer isso. Vocês são, e sempre serão, meu impulso pra todas as conquistas. Compreender de onde viemos, nossas raízes e nossa luta por reconhecimento é um trabalho árduo, porém libertador.

Agradeço também aos amigos e amigas que estiveram junto, talvez até sofreram junto, durante todo o processo e que sempre me disseram que eu conseguiria alcançar tudo. Minha amada turma, que fora apoio, fora presente e que sempre se ajudou. Obrigada por tudo.

Não poderia, nem se quisesse, esquecer da minha querida e amada orientadora. Tu, mais do que ninguém, sempre fora acolhimento, porto seguro e espaço para o erro. Obrigada por todos os elogios e todos os conselhos. Desconheço alguém tão presente quanto tu. Nossa caminhada juntas iniciou na graduação, continuou na pós-graduação e espero que dure por muitos anos.

A esta universidade, que através de muita luta ainda resiste e investe na autonomia de seus estudantes. Que sigamos lutando para que todos tenham acesso ao mestrado e doutorado. Agradeço aos professores por todas as discussões e construções, pelo incentivo de autonomia e reflexão diante da realidade vivida. Enquanto enfrentávamos o Covid-19, a acolhida dos professores foi essencial para a turma se manter unida e presente nas aulas não presenciais. Por fim, que nossa luta por uma educação de qualidade, e para todos, seja diária.

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização.

- Nelly Novaes Coelho

RESUMO

A presente pesquisa se propõe a fazer uma análise sobre *Os Indígenas na Literatura Infantil Brasileira*, com os objetivos de pesquisar quais são os documentos literários que chegam até as escolas através do Programa Nacional Biblioteca da Escola, como os professores e professoras podem utilizar esses documentos com as crianças nas escolas, de que forma podem ser apresentados os livros de literatura infantil que trazem os Indígenas como personagens protagonistas e como as crianças, através da literaturas infantil, podem se conhecer e reconhecer nestes textos que falam sobre as culturas Indígenas. Ao tentar compreender a importância da literatura no cotidiano das crianças do 1º ao 5º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, realizou-se um apanhado histórico do desenvolvimento literatura infantil brasileira, no qual foi possível perceber como ela foi se moldando socialmente com o passar dos anos. Através da pesquisa bibliográfica, foi possível analisar como os povos Indígenas tiveram suas imagens construídas através dos tempos e através da visão de quem as histórias são contadas. A partir disso, fora feito o Estado do Conhecimento, com o intuito de compreender quantas e quais são as pesquisas realizadas sobre a temática dos povos Indígenas na área da literatura infantil brasileira. Por fim, na pesquisa documental, foram selecionados livros de literatura infantil brasileira pertencentes ao acervo digital do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Após foram criadas duas categorias de análise denominadas: *Sob quais perspectiva os autores e as autoras estão escrevendo?* e *Como os personagens são colocados/construídos dentro das histórias?* Na primeira categoria foi possível compreender as influências de quem escreve sob o que escreve, além de reconhecer a importância de escritores Indígenas. Na segunda categoria, compreendeu-se a relevância e protagonismo dos personagens dentro de suas histórias. Por fim, espera-se que esta Dissertação possa contribuir para reflexões sobre as construções sobre a (in)visibilidade dos povos originários, como as escolas ainda reproduzem o racismo e como a literatura infantil sobre os povos indígenas pode ser uma das ferramentas utilizadas na educação para aproximar as crianças da temática.

Palavras-chave: Literatura Infantil; Povos Indígenas; Anos Iniciais; PNBE.

ABSTRACT

The present research proposes to analyze the The Indigenous People in Brazilian Children's Literature, with the objectives to research which are the literary documents that reach the schools through of the National School Library Program, how teachers can use these documents with children in schools, how can children's literature books be presented that bring the Indigenous peoples as protagonists and how children, through children's literature, can get to know and recognize each other in these texts that talk about Indigenous cultures. When trying to understand the importance of literature in the daily lives of children in the 1st to 5th year of the Initial Years of Elementary School, a historical survey of the development of Brazilian children's literature was carried out, in which it was possible to perceive how it has been socially shaped over the years. Through bibliographic research, it was possible to analyze how Indigenous peoples had their images built through time and through the vision of whom the stories are told. From this, the State of Knowledge was made, in order to understand how many and what researches are carried out on the theme of Indigenous peoples in the area of Brazilian children's literature. Finally, in the documentary research, Brazilian children's literature books belonging to the digital collection of the National School Library Program (PNBE) were selected. After that, two categories of analysis were created: Under what perspective In the first category, it was possible to understand the influences of those who write under what they write, are the authors writing? and How are characters placed/constructed within stories? In the first category, it was possible to understand the influences of those who write under what they write, in addition to recognizing the importance of Indigenous writers. In the second category, the relevance and protagonism of the characters within their stories was understood. Finally, it is hoped that this Dissertation can contribute to reflections on the constructions on the (in)visibility of native peoples, how schools still reproduce racism and how children's literature about indigenous peoples can be one of the tools used in education to bring children closer to the subject.

Keywords: Children's Literature; Indian people; Early years; PNBE.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Pesquisas sobre o Indígena e a Literatura Infantil Brasileira

Quadro 2: Títulos encontrados sobre Indígena e a Literatura Infantil Brasileira

Quadro 3: Bibliografia Anotada

Quadro 4: Títulos selecionados sobre Indígena e Literatura Infantil Brasileira

Quadro 5: Bibliografia Sistematizada

Quadro 6: Títulos selecionados sobre Indígena e Literatura Infantil Brasileira

Quadro 7: Bibliografia Categorizada

Quadro 8: Títulos selecionados para a Categoria – Análise de Representações Indígenas

Quadro 9: Títulos selecionados para a Categoria – Análise de Narrativas

Quadro 10: Bibliografia Propositiva

Quadro 11: Apresentação dos livros

Quadro 12: Livros selecionados para análise

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	PERCURSO HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA	16
3	INDÍGENAS NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA	23
3.1	ESTADO DO CONHECIMENTO: O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOBRE OS INDÍGENAS NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA	28
4	PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	39
4.1	PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	40
4.2	ESTADO DO CONHECIMENTO	41
4.3	PESQUISA DOCUMENTAL	43
4.3.1	ANÁLISE DE DADOS	44
4.4	PRODUTO FINAL	47
5	O INDÍGENA NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA: QUEM SÃO E ONDE ESTÃO NOS LIVROS?	49
5.1	ANÁLISE DAS OBRAS LITERÁRIAS	58
5.1.1	SOB QUAIS PERSPECTIVAS OS AUTORES E AUTORAS ESTÃO ESCREVENDO?	59
5.1.2	COMO OS PERSONAGENS SÃO COLOCADOS/CONSTRUÍDOS DENTRO DAS HISTÓRIAS?	62
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS: (IN)VISIBILIZAÇÃO DOS POVOS ORIGINÁRIOS: COMO AS ESCOLAS AINDA REPRODUZEM O RACISMO?	66
	REFERÊNCIAS	69

1 INTRODUÇÃO

Partindo da premissa de que toda e qualquer pesquisa se origina da trajetória pessoal, acadêmica ou profissional de cada pesquisador e pesquisadora, ou ainda, de sua curiosidade e inquietação acerca de um determinado assunto, acredito ser importante iniciar este texto com um pouco do motivo que me levou a iniciar minha busca por mais conhecimento sobre a temática da presente pesquisa. Neste contexto, irei apresentar o tema, problema, objetivos e uma breve metodologia, justificando, assim, a escolha do caminho a ser trilhado.

A presente pesquisa parte inicialmente de uma inquietação pessoal, de ascendência, acerca da temática da cultura Indígena¹ e de como todo um povo tem sido apresentado de modo a animalizar uma forma de vida. Lembro-me de que sempre que questionados sobre nossa antecedência, minha mãe nunca sabia o que responder, por esse motivo sempre me pareceu que existiu dois tipos de cores, a cor branca e a cor negra. Nós nunca nos encaixávamos “direito” em nenhuma delas. Então em minha mente sempre ficava um enorme ponto de interrogação. Afinal, o que somos, de onde viemos?

Para responder essa pergunta, geralmente tinha a opção “pardo”, mas eu nunca me senti confortável em ser comparada a um papel, porque sempre me remeteu ao papel pardo que usávamos na escola, então comecei questionar meus pais quais eram nossas raízes, como eram meus avós. E a resposta vinha como: “*somos bugre*”. Mas essa palavra não era encontrada nos formulários ou usada na escola para falar de alguma cultura. Até que um dia minha mãe contou que seu pai lhe dizia que sua mãe (minha avó) era uma “Índia” muito bonita.

A escola, para mim, não fora um espaço para me autoconhecer, porque toda vez que os Indígenas apareciam eram nas datas como o “Dia do Índio” e sempre de modo estereotipado². Então, a escola não me serviu como exemplo de proximidade com minha história. Fora somente na graduação que pude entender e pesquisar sobre o assunto e aos poucos ir me encontrando. Foi através da literatura, mais especificamente com o livro “O tupi que você fala”, que percebi a importância do contato com esses materiais e que, se tivesse tido esse contato quando criança, provavelmente seria uma adulta mais segura e muito mais orgulhosa de suas origens.

¹ Quando usamos o termo no plural INDÍGENAS é porque compreendemos que não existe apenas uma cultura indígena, mas várias culturas dentro de um mesmo termo. “Segundo o censo do IBGE de 2010, os mais de 305 povos indígenas somam 896.917 pessoas. Dessas, 324.834 vivem em cidades e 572.083 em áreas rurais, elas correspondem a aproximadamente 0,47% da população total do país.” (MUNDURUKU, 2019, p. 11)

² Lembro-me de um dia que tivemos que levar penas de galinha para a escola para fazer cocar, sem nem ao menos saber para que ele servia.

Sabemos que nosso país possui, em cada canto, uma cultura diferente, um modo de ser e de estar no mundo, uma diversidade cultural gigantesca. Nesse contexto,

[...] cabe dizer que se estima que mais de 250 línguas são faladas no país – indígenas, de imigração, de sinais, crioulas e afro-brasileiras, além do português e de suas variedades. Esse patrimônio cultural e linguístico é desconhecido por grande parte da população brasileira. (BRASIL, 2018, p. 70)

Refletindo sobre a importância de conhecer essa variedade cultural presente em nossa sociedade, no ano de 2013 foram criadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena, uma parceria entre representantes governamentais e não governamentais, com participação de educadores Indígenas que estavam envolvidos com a justiça social, os direitos Indígenas e com a construção de projetos escolares que apresentem suas identidades étnicas de forma digna. Esse documento afirma que:

O direito à diferença cultural, por exemplo, tem sido bandeira de luta do movimento indígena desde a década de 1970, articulado a outros movimentos da sociedade civil organizada em prol da democratização do país. Na busca pela defesa de seus direitos e interesses de continuidade sociocultural, os povos indígenas criaram organizações sociopolíticas com o intuito de superar a situação de tutela a que historicamente foram submetidos. (BRASIL, 2013, p. 377)

Desta forma, entendendo que o espaço escolar é espaço de diversidade, de conhecimento e de reconhecimento das culturas existentes em nosso país, vale pensar em como se apresentam essas culturas no cotidiano e durante o ano escolar. Com isso, vejo na literatura uma forma de aproximação entre os povos e um modo de reconhecer que muito do que somos e usufruímos veio de um povo que, historicamente, vem tentando desconstruir e reconstruir sua imagem na sociedade.

No ano de 2012, conforme o site do Ministério da Educação (MEC³), foi instituído o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE – Temático, que tem como objetivo atender a rede pública de ensino, levando até elas obras que possam ampliar a compreensão dos professores e dos estudantes sobre temáticas que tragam a diversidade, a inclusão, a cidadania e que promovam o desenvolvimento de valores, de práticas e de interações sociais. Este levou para as escolas livros de literatura sobre diferentes temáticas, dentre elas a temática Indígena.

Sabemos que nossos interesses são (re)construídos diariamente e que é necessário que nossas experiências com os livros literários sejam significativas e prazerosas desde o primeiro contato. Com isso, passamos a compreender o papel de programas como o PNBE – Temático, que leva até as escolas livros literários que em suas histórias falam sobre os Indígenas e que

³ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/par/194-secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/18722-programa-nacional-biblioteca-da-escola-pnbe-tematico>. Acesso em: 10 ago. 2022.

através deles nos apresentem suas culturas, suas crenças e seus modos de ver o mundo de uma forma lúdica.

A importância do contato primário com diferentes gêneros literários, com a leitura por prazer pode influenciar como as crianças irão tratar a literatura e como será seu relacionamento com os diferentes gêneros literários dentro de uma cultura específica. Com isso, para qualquer criança, a literatura se torna importante para formação quando ouvida várias vezes, em suas diferentes versões e por fruição. Sendo assim, a escuta ativa se torna o início do processo de aprendizagem. (ABRAMOVICH, 1997).

O mundo da literatura, além de desenvolver o imaginário, conforme Abramovich (1997), coloca as crianças em contato com situações do cotidiano, faz refletir sobre momentos, traz angústias e alegrias que são vividas por personagens, mas que também ocorrem no mundo real. A literatura acaba sendo uma ferramenta de conhecimento sobre o mundo, sobre si e sobre o outro em diferentes espaços e momentos.

Conhecer as diferentes literaturas coloca as crianças em contato com novas formas de ver e de se colocar no espaço do outro. Os textos literários que tratam sobre as culturas Indígenas, por exemplo, trazem uma forma única de enxergar o mundo e sua existência nele. Para além de nos apresentar a linguagem própria daquela cultura, nos fazem entender nosso lugar de pertencimento dentro dela e, por vezes, também, enxergar estereótipos construídos historicamente.

Portanto, torna-se importante que, quando as crianças tiverem contato com esses textos, principalmente no espaço escolar, que seja de uma forma a compreender que a literatura pode ser o início da inserção no mundo das palavras e da pesquisa, e também de ser um espaço no qual podem pensar e se identificar no outro, com suas histórias e suas vivências.

Diante disso, penso na importância de pesquisas na área da educação que tenham essa temática como foco, pois, ainda nos dias de hoje, vemos como a cultura Indígena é apresentada de forma genérica nas escolas e na sociedade. Assim, a presente pesquisa torna-se necessária à medida que, a partir de uma primeira pesquisa de Estado do Conhecimento⁴, não se encontram tantas produções sobre a área da educação discutindo sobre sua importância histórica e social.

Neste sentido, me coloco a pensar e pesquisar quais são os materiais que chegam nas escolas através do PNBE. Como os professores e as professoras poderiam utilizar esses materiais com as crianças nas escolas? De que forma poderiam ser apresentados os textos de literatura infantil que trazem os Indígenas como protagonistas? Como as crianças podem se

⁴ Essa pesquisa será detalhadamente apresentada posteriormente nesta Dissertação.

conhecer e reconhecer através da literatura infantil brasileira que trata/fala sobre as culturas Indígenas? Essas são algumas das inquietações que me movimentam para pesquisar sobre essa temática e refletir sobre como essas culturas podem ser apresentadas nos espaços escolares a partir do uso de livros de literatura infantil brasileira que falam sobre os povos Indígenas.

O objetivo geral desse estudo é analisar as representações dos Indígenas em livros de literatura infantil brasileira que chegam nas escolas através do PNBE, e a partir disso, compreender a importância do uso destes materiais nas salas de aula, visando o reconhecimento e a valorização desses sujeitos e de sua cultura em nossa sociedade.

Para isso, será necessário atender os seguintes objetivos específicos: refletir sobre a importância da literatura para formação de seres críticos na sociedade; compreender o papel dos professores na construção de um leitor ativo e consciente das diferentes culturas; analisar documentos que falem sobre os Indígenas na literatura infantil brasileira, de modo a verificar sua importância e contribuição para formação das crianças; e catalogar materiais com a temática da cultura Indígena, através do PNBE.

Para alcançar os objetivos estabelecidos para presente pesquisa, se faz necessária uma metodologia específica, que permita a visualização do que há de relevante sendo publicado na área de estudo e o que os autores abordam em relação às representações dos povos indígenas na literatura infantil brasileira.

Sendo assim, o presente trabalho está organizado em quatro etapas metodológicas. A primeira diz respeito à pesquisa bibliográfica, na qual será feita a busca por fontes e a leitura de bibliografias sobre o tema da pesquisa, ocorrendo aqui, neste momento, a organização e a escrita do referencial teórico do trabalho.

Em seguida, na segunda etapa, teremos a construção do Estado do Conhecimento, o qual contará com a pesquisa sobre a temática específica, ou seja, o Indígena na literatura infantil brasileira. O objetivo é fazer o levantamento de quantas publicações de pesquisas foram feitas sobre este assunto, bem como quais foram as principais abordagens destas pesquisas ao tratarem do tema, em uma determinada plataforma científica, entendendo, assim, a relevância e as tendências do tema para o meio acadêmico.

Já na terceira etapa, aconteceu a pesquisa documental, na qual foram analisados os documentos da presente pesquisa, quer seja os livros de literatura infantil do PNBE nos quais os Indígenas sejam os protagonistas. De posse deste acervo de livros de literatura infantil, foi realizada a análise dos dados obtidos e, como etapa deste processo, foi pensada uma metodologia para a seleção e a organização destes dados, como, por exemplo, a categorização de pontos em comum que foram ser encontrados nos documentos.

Num último momento, teremos o produto final, resultado da presente pesquisa, que se dará por uma devolução social, um fechamento do trabalho em forma de um catálogo com obras literárias infantis que tenham os Indígenas como escritores e protagonistas, que será disponibilizado para professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da cidade de Erechim.

Para dar início à discussão, os dois capítulos seguintes apresentam e discutem o percurso histórico da literatura infantil brasileira para entender como ela surge no país e como ela se torna protagonista, ou não, nas escolas, na sociedade e como chega até as crianças até nos dias atuais. Em seguida, buscar-se-á conhecer e compreender como a construção das histórias dos povos originários vem sendo escrita nos livros de literatura infantil brasileira.

2 PERCURSO HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

Em seu início⁵, a literatura infantil irá aparecer na França como uma forma adaptada da literatura feita para adultos, ou seja, histórias que poderiam ser contadas para as crianças, mas que na sua origem o foco não era esse público. Um dos grandes nomes responsáveis pela grande repercussão do gênero literário infantil, segundo Lajolo e Zilberman (2007), foi Charles Perrault, que, em sua essência, não tinha essa ambição, porém acabou sendo grande influência para que surgissem escritores de literatura infantil.

A literatura para o público infantil vem a se tornar importante para a sociedade com o surgimento da Revolução Francesa, com o incentivo ao consumo. A partir do momento em que a escola passa a ser obrigatória para todas as crianças, a ligação com o consumo aumenta, pois a escola passa a ter a função de ensinar as crianças a ler e a consumir os produtos destinados a elas, como, por exemplo, a literatura infantil. Compreendendo-se, assim, que:

Os laços entre a literatura e a escola começam desde este ponto: a habilitação da criança para o consumo de obras impressas. Isto aciona um circuito que coloca a literatura, de um lado, como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo que se impõe aos poucos; e, de outro, como caudatária da ação da escola, a quem cabe promover e estimular como condição de viabilizar sua própria circulação. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 17)

Desta forma, mesmo que em uma sociedade desigual, para reforçar estereótipos familiares, as crianças passam a ter um valor simbólico cultural social, uma vez que elas asseguram a manutenção da divisão das normativas atribuídas a cada gênero dentro da família: o papel do pai é o de trabalhar, o da mãe é o de cuidar da casa e o da criança de frequentar a escola. Diante disso, a educação necessita chegar até mesmo às classes mais pobres, uma vez que as mesmas também fazem parte de uma sociedade que consome e que necessita de manutenção frequentemente.

Neste sentido, conforme Lajolo e Zilberman (2007), a sociedade contemporânea se mantém e se expande neste espaço, no qual a literatura é criada *para* as crianças, tendo características específicas para este público, estas que precisam ser cumpridas para que sua circulação aconteça, e a escola ganha seu papel à medida que as crianças precisam aprender a ler este material direcionado a elas.

Desta forma, torna-se importante compreender o papel histórico da literatura, para, assim, poder analisá-la social e criticamente. Conforme Lajolo e Zilberman (2007), embora a literatura infantil surja de modo limitado, ela tende a querer, ao longo dos tempos, superar

⁵“As primeiras obras publicadas visando ao público infantil apareceram no mercado livreiro na primeira metade do século XVIII” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 14).

condicionamentos externos, como, por exemplo, seu caráter mercadológico, para, aos poucos, ganhar espaço na vida das crianças de forma significativa.

Essas análises das literaturas infantis, conforme Lajolo e Zilberman (2007), nos mostram algumas características que elas trazem consigo. Uma delas são as representações trazidas nos livros acerca de determinado tema, as quais esboçam a forma como o adulto quer que as crianças vejam o mundo. Esta forma de ver o mundo não chega a ser um retrato literal da realidade. Contudo, a literatura também traz consigo a liberdade do imaginário, uma vez que se compreende que as crianças não são leitoras passivas.

Entende-se, assim, que o escritor adulto tende a trazer para seu leitor uma determinada forma de ver o mundo, podendo ter nela características históricas, afetivas e intelectuais:

[...] a literatura para crianças pode ser escapista, dando vazão à representação de um ambiente perfeito e, por decorrência, distante. Porém, pela mesma razão, poucos gêneros deixam tão evidente a natureza utópica da arte literária que, de vários modos, expõe, em geral, um projeto para a realidade, em vez de apenas documentá-la fotograficamente. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 18)

De certo modo, a literatura acaba passando por ressignificações ao longo dos tempos e espaços nos quais ela passa a estar presente. Para além de seu caráter mercadológico, a literatura infantil passa a ser material frequente na educação das crianças, trazendo em si universos e textos que perpassam o emocional e o afetivo de cada criança leitora. Ou seja, “traduz para o leitor a realidade dele, mesmo a mais íntima, fazendo uso de uma simbologia que, se exige, para efeitos de análise, a atitude decifradora do intérprete, é assimilada pela sensibilidade da criança.” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 19).

Já no Ocidente, segundo Lajolo e Zilberman (2007), poucas obras publicadas no séc. XVIII permaneceram em circulação, uma vez que essas traziam consigo provas de que o surgimento da literatura infantil fazia parte de um pacto industrial e capitalista juntamente com instituições escolares. Porém, as obras de Perrault continuaram fazendo sucesso, uma vez que, somada com outros escritos (de) clássicos, como Robinson Crusóé (1719), de Daniel Defoe, e Viagens de Gulliver (1726), de Jonathan Swift, garantiram a continuação de criações e consumo de obras de romances e aventuras adaptadas para o público infantil.

No séc. XIX, os clássicos dos irmãos Grimm passam a ser editados e adaptados para o público infantil. Foi a partir daí, conforme Lajolo e Zilberman (2007), que esses tipos de livros, direcionados para o público infantil, passaram a agradar as crianças e, de certa forma, passam a melhorar suas linhas de ação, uma vez que se teve preferência por criação de histórias fantasiosas.

Foi a partir da segunda metade do séc. XIX, conforme Lajolo e Zilberman (2007), que autores passam a ter a literatura infantil como parte significativa nas suas produções, dando a ela um perfil, garantindo, assim, sua continuidade. Desta forma, quando chegam ao Brasil as edições de obras para o público infantil, por mais que com elementos próprios e locais, ainda trazem consigo marcas do seu surgimento europeu.

Com a implantação da Imprensa Régia, que inicia, oficialmente em 1808, a atividade editorial no Brasil, começam a publicar-se livros para crianças; a tradução de *As aventuras pasmosas do Barão de Munkausen* e, em 1818, a coletânea de José Saturnino da Costa Pereira, *Leitura para meninos, contendo uma coleção de histórias morais relativas aos defeitos ordinários às idades tenras, e um diálogo sobre geografia, cronologia, história de Portugal e história natural*. Mas essas publicações eram esporádicas (a obra que se seguiu a elas só surgiu em 1848, outra edição das *Aventuras do Barão de Münchhausen*, agora com a chancela da Laemmert) e, portanto, insuficientes para caracterizar uma produção literária brasileira regular para a infância. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 21)

Contudo, foi somente no final do séc. XIX e começo do séc. XX que o aparecimento da literatura infantil no Brasil se fortaleceu. Conforme Lajolo e Zilberman (2007), neste momento as massas consumidoras passam a ter diferentes materiais que se destinam aos diferentes públicos: revistas para o público feminino, romances, materiais escolares e livros para o público infantil.

Foi neste momento que, conforme Lajolo e Zilberman (2007), para que acontecesse uma transformação da sociedade rural em urbana, a escola ganha espaço fundamental na vida das crianças, uma vez que é nela que a sociedade moderna confia a manutenção e a iniciação de valores, habilidades, técnicas e conhecimentos tidos como essenciais à infância, para que, a partir dela, se estabeleça a produção de bens culturais. Fora, então, neste espaço temporal que no Brasil passa a ter algum tipo de produção destinada para o público infantil.

Contudo, as produções brasileiras destinadas ao público infantil ainda se distanciavam da realidade das crianças, uma vez que vinham de outros países e eram traduzidas. Nelas, conforme Lajolo e Zilberman (2007), não estava a nossa história e não traziam em suas narrativas as realidades das crianças brasileiras. Assim como na Europa, no Brasil também se via a escola e os textos infantis fortes aliados e contribuintes na formação dos cidadãos.

Monteiro Lobato, um dos grandes e importantes escritores brasileiros, fora pioneiro a se preocupar com produções brasileiras que fossem direcionadas de fato ao público infantil e com uma linguagem que as interessasse. Conforme Lajolo e Zilberman (2007), ele passa a tomar iniciativas, investir e abrir editoras nas quais ele mesmo era o escritor, empresário e publicava seus próprios livros infantis. Depois dele, outros grandes nomes da literatura infantil foram surgindo e tomando espaço na sociedade pós-modernista.

O crescimento quantitativo da produção para crianças e a atração que ela começa a exercer sobre escritores comprometidos com a renovação da arte nacional demonstram que o mercado estava sendo favorável aos livros. Essa situação relaciona-se aos fatores sociais: a consolidação da classe média, em decorrência do avanço da industrialização e da modernização econômica e administrativa do país, o aumento da escolarização dos grupos urbanos e a nova posição da literatura e da arte após a revolução modernista. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 45)

À medida que o país vai passando por mudanças históricas, como, por exemplo, o golpe militar, a educação vai tomando diferentes rumos, uma vez que ela surge com um propósito social, ela se modifica conforme a sociedade se modifica. Partindo deste pensamento, é possível compreender o papel da escola na vida das crianças em diferentes espaços de tempo.

O fato é que, conforme a sociedade foi moldando seus valores, acabava por refletir seus pensamentos em obras literárias escritas por adultos para crianças. Reflexos de patriotismo, ainda que com personagens protagonistas crianças, queriam de alguma forma ensinar algo patriota ou de bem e mal para as crianças. Ou seja,

Modernistas, de um lado, dando-nos o conteúdo estético do período; Monteiro Lobato, de outro, impondo uma práxis que, se é voltada para as letras, é igualmente com os olhos nos lucros. Mas, com Lobato, estamos no campo da ficção infantil, gênero que, se consistiu no ponto de encontro dessas vertentes, converteu-se [...], numa das imagens dos contrastes culturais que perpassam a nação. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 52)

Em vista disto, com o passar dos anos, a literatura infantil no Brasil vai tomando mais espaço em livrarias e editoras, começando, assim, a trazer novos escritores infantis, e não apenas reescritas. Em seus textos passam a ter ilustrações, diferentes gêneros literários surgem e diferentes protagonismos de crianças.

Conforme Lajolo e Zilberman (2007), nos anos 60 e 70, surgem duas ‘vertentes’, uma com objetivos de manter a velha narrativa, e outra, originária do meio urbano, com a intenção de denunciar a crise social brasileira. Neste movimento, passou a desaparecer, aos poucos, das histórias infantis o compromisso com a pátria e com conteúdo escolar, as produções contemporâneas começam a se preocupar não apenas com valores morais e tradicionais, mas com a liberdade.

Conforme Cademartori (2010), a partir de 1986 o Ministério da Educação passa a distribuir livros literários nas escolas, com o Programa Salas de Leitura. Isso acabava por fortalecer a união da escola com a literatura infantil, tornando uma política pública a distribuição de livros, o que, por vezes, não era bem-visto, uma vez que a adesão da política requeria mais produção, o que acaba por fortalecer um sistema capitalista.

Contudo, a literatura infantil se sobressai aos desejos políticos quando, conforme Cademartori (2010), se entende que esta não faz parte de uma educação formal, que tenta pregar

condutas e ensinar regras, mas sim como diferente forma de ver e ler o mundo, com estética subjetiva e maior abertura para o imaginário.

Por este motivo, as escolas necessitam de um olhar atento à função da literatura na vida das crianças, pois, conforme Cademartori (2010), a escola tende a ver na literatura material de apoio pedagógico, quando na verdade seu papel é o de possibilitar experiências significativas a partir do contato sensível, com liberdade para diferentes interpretações e por deleite.

A importância de aproximar as crianças dos livros de literatura infantil é hoje praticamente um consenso. A sociedade absorveu a ideia que, décadas atrás, era ainda objeto de pregação. Eram feitos esforços de convencimento para que os pais e professores promovessem, entre os pequenos, a leitura de bons livros. Hoje, reflexões a respeito do assunto envolvem estudantes e estudiosos na produção de ensaios, dissertações, teses que discutem diferentes aspectos da literatura infantil e contam com o poder da irradiação. (CADEMARTORI, 2010, p. 9)

Atualmente, o espaço da literatura na vida das crianças tem sido cada vez menor, ao contrário do passado, no qual seu papel era essencial para os estudos, mesmo tendo este papel apenas como propósito para ensinar algo referente às disciplinas ou matérias. Isso se dá, pois, conforme Cademartori (2010), a tecnologia tem ganhado cada vez mais espaço na vida das crianças, e isso, juntamente com um contato não satisfatório, torna a literatura algo não divertido para as crianças.

Isto nos traz uma importante reflexão, conforme Cademartori (2010), de que a literatura quase nunca estará em um espaço de prazer para a criança, o que acaba tornando os meios tecnológicos muito mais interessantes. Por este motivo, o adulto passa a ter papel de referência na vida da criança, sendo referência positiva quando sua intermediação entre a literatura e a criança for algo divertido e que possibilita às crianças contato com um novo mundo e um olhar diferente para aquilo que elas vivenciam diariamente.

Cademartori (2010) ainda nos apresenta dois sistemas nos quais a literatura infantil está situada: no sistema literário e no sistema escolar. No segundo sistema, a literatura tem o papel de formação de leitores e este papel vem carregado de visões produtivistas, nas quais a literatura perde encanto e passa a ser usada para ensinar sobre determinado assunto. Já no sistema literário, a literatura infantil ocupa pouco espaço de prestígio, o que talvez se explique em suas origens.

Portanto, partindo da premissa de que a literatura é uma fonte essencial para a construção do conhecimento, seja ele intelectual ou emocional, compreende-se sua função social para além da sala de aula, como também para o conhecimento de outras culturas e outras formas de ver, viver e sentir no mundo. O que a história nos mostra é que a literatura infantil

teve um árduo caminho para chegar a ser o que é hoje, e que ela, assim como a sociedade, traz marcas de um passado histórico, contado por alguém e de um certo ponto de vista.

E quando pensamos nos direitos das crianças ao acesso às diferentes literaturas, pensamos em documentos que possam assegurar isso. Portanto, no que diz respeito a documentos que reforçam a importância da literatura na vida das crianças, temos, nos Parâmetros Nacionais Curriculares (PCNs), de 1997, um título denominado *A especificidade do texto literário*. Este documento em poucos parágrafos nos coloca que os textos literários podem servir como reconhecimento e compreensão das singularidades do uso da linguagem. Assim, seria possível, através da literatura, nos afastarmos de uma prática tradicional, na qual os textos literários são usados como pretexto para ensinar valores morais ou questões gramaticais e ir ao encontro da ideia de que os textos literários contribuem na formação de leitores que são capazes de reconhecer, sentir e compreender as diversas construções literárias que lhes são apresentadas.

Já a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de 2017, traz como uma das habilidades na disciplina de Língua Portuguesa, dos anos iniciais, o reconhecimento de textos literários que apresentem o mundo imaginário e que através da ludicidade valorizem a diversidade, deixando assim visível a importância do contato da criança com as literaturas desde muito cedo.

Sendo assim, voltamos a lembrar que a literatura infantil deve ser espaço aberto para o imaginário, aproximações e construção de saber, desde que ela não seja maçante ou obrigatória, mas quando, com a ajuda do adulto, passa a ser porta para possibilidades e pertencimento. Não ser apenas instrumento para algo que será feito depois, mas como meio de compreensão para o que se pode estar sentindo e vivendo no agora.

Com isso, compreende-se que a literatura pode estar apresentando ao seu leitor um mundo cheio de possibilidades e aprendizagens, o que pode acontecer de forma prazerosa. Importante é mostrar que em nosso país, assim como no mundo, existem diferentes culturas a serem conhecidas e reconhecidas e que podem estar ao alcance de suas mãos, pois,

Quando falamos sobre o contato das crianças e jovens com a literatura brasileira, estamos falando de muitas literaturas, culturas e vozes, criadas não só em língua portuguesa, mas também em idiomas nativos, tais como os textos da literatura indígena. (THIÉL, 2013, p. 1176)

Portanto, torna-se responsabilidade do adulto apresentar diferentes textos literários infantis para as crianças, sempre com o compromisso e o cuidado em conhecer esses textos, lê-los de forma crítica a fim de reconhecer seu papel social, emocional e histórico na vida das crianças.

Para isso, a escola torna-se espaço fundamental para que a relação da criança com a literatura aconteça. Essa relação, na maioria das vezes, será mediada pelo educador e pela educadora. Mas como o educador e a educadora podem influenciar na formação de crianças leitoras? Nesse caminho, seu papel é o de adulto referência, adulto leitor e conhecedor da importância da literatura.

Contudo, para que essa referência seja positiva, o educador e a educadora necessitam, conforme Cademartori (2010), compreender que a literatura pode sim auxiliar na formação de uma criança que poderá escrever melhor e ter um repertório maior na hora da escrita, porém esta não é a principal função da literatura na vida da criança leitora.

Sua principal função, conforme Cademartori (2010), é a de propiciar momentos e experiências com a linguagem em espaços nos quais se tem a seu favor um ponto importante, a liberdade. Liberdade para imaginar, criar e sentir, e isso dificilmente se aprende e se aprimora em espaços nos quais a literatura não está presente de forma prazerosa e afetuosa.

Então, para além de compreender o papel do professor na formação de crianças leitoras, também é importante compreender o espaço que a literatura tem na apresentação da diversidade cultural presente em nossa sociedade. É, então, possível, na literatura, conhecer e reconhecer histórias, pessoas e nos aproximar do “diferente” de forma natural, sempre tendo em mente que a literatura pode ser fonte de diversidade, porém não pode ser unicamente instrumento para ensiná-la sobre isso.

Nessa perspectiva, no próximo capítulo, iremos discutir acerca da temática Indígena na literatura infantil brasileira, como ela vem se construindo, a partir de quem ela vem sendo narrada e também em que momentos ela vem sendo apresentada às crianças leitoras.

3 INDÍGENAS NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

Para iniciar essa discussão/reflexão, trago aqui palavras de Munduruku (2019) referentes ao não uso da palavra *índio*. Para ele, por muito tempo essa palavra fora utilizada de forma errônea por boa parte da população. A palavra mais adequada, por assim dizer, é a palavra Indígena, pois significa *originário*. “Povo indígena: povo originário. Ou seja, um povo que está na terra brasileira desde antes da chegada dos europeus.” (MUNDURUKU, 2019, p. 9)

Com isto, como feito acima – na história da literatura infantil brasileira –, para compreender a construção histórica da literatura que contém os povos Indígenas como protagonistas e não meros personagens secundários na Literatura Infantil Brasileira, se faz importante e necessária uma visita ao passado e a compreensão de como suas histórias foram construídas com o passar dos anos, com que visão e a partir de quem essas histórias foram apresentadas. Isso porque compreendemos que a história de um povo, muitas das vezes, irá apresentar marcas na literatura infantil.

O que se sabe acerca da história da chegada e do povoamento do continente americano, conforme Munduruku (2019), é que começou por cerca de 40 mil anos, no qual os primeiros homens teriam atravessado a ponte de gelo no estreito de Bering. Estes teriam vindo em busca de alimentos e com isso foram se espalhando por todo o continente americano. Os mesmos foram se adaptando, usando da caça, da criação de animais das plantações e, assim, iniciando suas histórias.

Os povos indígenas, conforme Munduruku (2019), sempre tiveram suas culturas, suas crenças, suas formas de organização, e isso não era compreendido por parte das pessoas não indígenas. Diante disso, foram cometidos atos bárbaros contra os povos indígenas e a desvalorização de nossas raízes, dos nossos ancestrais, bem como da nossa história inicial.

Deste modo, conforme Oliveira e Almeida (2016), é possível compreender que fontes passadas não enxergavam os povos Indígenas como seres munidos de razão, de luz e por este motivo necessitavam de uma doutrina cristã para seguir. A história dos povos originários se constrói, então, a partir da visão dos colonizadores, que os viam como seres exóticos passíveis e necessitados de orientação social.

Neste sentido, conforme Oliveira e Almeida (2016), aos povos originários foram impostas outras práticas culturais cristãs, suas terras foram tomadas e seus recursos naturais incorporados na economia. Construiu-se, assim, historicamente, uma sociedade na qual a

cultura indígena veio sendo apagada e reduzida às narrativas criadas e firmadas pelos colonizadores.

Foram os registros e interpretações formulados pelos colonizadores, por cronistas, missionários e pela história oficial, que as anularam enquanto protagonistas da história, permitindo apenas considerá-las como objetos exóticos, resíduos de um passado distante. É preciso ao contrário vê-las como entidades vivas e palpantes, resistentes e criativas, não como peças nas vitrines de um museu. Ou seja, como coletividades cujas formas de alteridade estão sendo permanentemente reconstruídas em suas aldeias e em suas lutas políticas, nos rituais e na sua vida cotidiana. (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2016. p. 11)

Tais situações nos mostram que as discussões e pesquisas que envolvem a temática Indígena perpassam os discursos criados pelos olhos dos colonizadores e nos colocam frente à uma nova e necessária forma de analisar todas e quaisquer produções feitas, a fim de não repetir erros e não reforçar discursos rasos sobre o que se é pesquisado.

Contudo, apesar de sua voz não significar presença para o colonizador em séculos anteriores, o índio resiste e expressa-se através de uma produção literária crescente e enriquecedora no último século, o que faz com que vejamos como essencial um estudo de obras literárias que vêm acompanhar uma tradição discursiva milenar, no momento em que esta tradição encontra reconhecimento pela academia e pela crítica, buscando possivelmente uma identidade própria. (THIÉL, 2013, p.2)

A construção da história inicia com os povos Indígenas, os povos originários, donos desta terra. Contudo, os estudos nos espaços escolares sobre essas histórias, nossas histórias, ao longo de um bom período de tempo, assim como nas produções literárias e na sociedade, vieram mostrando-se fracos, repetidores e afirmadores de histórias contadas por pessoas não Indígenas. Isso nos traz a necessidade de rever o ensino desta temática nos espaços escolares e ver na literatura infantil um meio de reaproximação com nossas origens e um diferente olhar para com a nossa sociedade.

Diante disto, conforme Silva e Souza (2016), a Lei nº 11.645/2008⁶ chega para determinar que os currículos da Educação Básica deveriam, obrigatoriamente, incluir a história e cultura dos povos indígenas, principalmente nas áreas das Artes, da Literatura e da História Brasileira. Para tal, deve levar em sua programação a inclusão de aspectos históricos da cultura Indígena brasileira, assim como as contribuições sociais, econômicas e políticas para com a história do nosso país.

Em vista disto, conforme Silva e Souza (2016), iniciou-se o questionamento de quais seriam os subsídios didáticos que os profissionais da educação teriam à sua disposição sobre esta temática. E, a partir disto, quais seriam as imagens, os discursos e os estereótipos que

⁶ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm

apareceriam nestes materiais didáticos, para além da necessidade de pensar em como esses materiais seriam apresentados pelos educadores.

Para tal, Silva e Souza (2016) colocam que estes materiais que chegaram até as escolas de forma gratuita, a partir da Lei nº 11.645/2008, em sua maioria, possuem significativos subsídios que podem auxiliar os profissionais da Educação Básica na construção de um novo olhar sobre a história, cultura e vivências dos povos indígenas. Porém, precisam circular com maior frequência nestes espaços e serem lidos e conhecidos pelos educadores e educandos.

Com isso, torna-se possível compreender que a cultura indígena, ainda que tardiamente, vem sendo discutida e levada aos espaços escolares a partir de documentos que procuram reconstruir a história, ficando, então, aos educadores e às educadoras o dever de conhecer estes materiais, analisá-los e apresentá-los aos educandos e às educandas de forma a respeitar os mesmos e olhá-los de uma posição diferente do que nos fora ensinada ao longo dos tempos.

Uma das formas de (re)aproximar os educandos e as educandas das culturas dos povos indígenas seria através da Literatura Infantil Brasileira, um dos caminhos citados pela Lei nº 11.645/2008, que dá foco para a temática na Educação Básica. Seria *através* e *com* a literatura que os educadores e as educadoras poderiam ver possibilidade de reflexão e de mudança.

No entanto, por mais que este assunto tenha circulado, obrigatoriamente, nos currículos das escolas da Educação Básica desde 2008, quando pensamos no meio acadêmico ainda pouco se fala sobre essas literaturas em pesquisas científicas. Conforme Thiél (2013), essa temática ainda é nova, até mesmo no meio acadêmico, porém nos espaços escolares esses materiais já circulam há algum tempo; então, cabe a nós pesquisadores e pesquisadoras a responsabilidade de trazer visibilidade à temática Indígena nas literaturas através de pesquisas acadêmicas.

De acordo com Thiél (2013), a literatura, em seus variados gêneros, possibilita a consciência acerca do pluralismo cultural existente no país e com isso a compreensão sobre a igualdade, a cidadania e a cultura do outro. Desta forma, o contato com a literatura, quando se torna um hábito prazeroso, traz consigo um emaranhado de significados e diferentes formas de aprender a ser e a estar na sociedade. Compreende-se, assim, que,

O estudo da literatura envolve a leitura crítica de discursos construtores de identidades e alteridades. Documentos históricos, crônicas de viagem, textos legais ou textos literários são portadores de juízos de valor por parte de cronistas, legisladores ou narradores, valores formadores de uma comunidade interpretativa. Ler discursos significa ler também lacunas discursivas resultantes de uma construção de identidade que envolve inserções e exclusões. Neste espaço lacunar encontramos os textos produzidos pelos indígenas. Estes, construídos pela visão e pela voz do outro por vários séculos, dialogam conosco por meio de contra-narrativas que desmistificam as identidades a eles atribuídas. (THIÉL, 2006, p. 1)

Os textos da literatura infantil sobre os povos Indígenas nos levam, desta forma, a refletir sobre nossa interação com o outro e, principalmente, sobre como estamos entrelaçados culturalmente. O uso destes materiais nas escolas traz consigo discussões acerca de pré-conceitos criados historicamente sobre um povo, além de colocar as crianças em contato com outros gêneros literários e outras formas discursivas. O contato com textos literários sobre os povos indígenas possibilita a reflexão sobre a forma como o outro conta sua história e de como ele interpreta e vê a sociedade⁷.

Com isso, conforme Oliveira (2008), quando nos colocamos a pensar na persona Indígena nos vem à mente imagens como cocar super colorido, desenhos na pele, pessoas nuas, pessoas afastadas da sociedade ou de qualquer tecnologia. Não que isso seja a realidade ou algo realmente visto pelas pessoas não indígenas, mas sim estereótipos que se reforçam em tantas produções textuais que nos foram apresentadas com grande frequência nos diferentes espaços sociais, nas literaturas e nos espaços escolares.

Diante disso, nossos olhares passam a conhecer o outro de forma diferente, com estranheza. Isso, conforme Oliveira (2008), nos faz aprisionar um povo em uma determinada e única imagem, nos faz construir identidades firmadas em um olhar que não é nosso e nem de quem está sendo narrado, mas sim da história contada pelos não indígenas. Isso nos faz compreender que,

As representações que orientam nossa leitura de história de outros povos e culturas são semelhantes às que ‘plicamos’ em cada circunstância corriqueira, em cada momento de encontro - fortuito ou duradouro - que temos com estes ‘diferentes’ sujeitos, quando nos deparamos com eles nas ruas que trilhamos [...]. (BONIN, 2008, p. 79).

E são essas representações que nos são expostas nos diferentes espaços que acabam nos ensinando uma forma de enxergar o outro e sua cultura. Sendo assim, à escola, sendo espaço que deveria nos ensinar sobre a diversidade social e cultural, cabe o papel de também nos ensinar a compreender o outro como nosso igual, ao mesmo tempo que sua história deve ser lembrada e aprendida nas suas singularidades, para que, assim, não repitamos equívocos passados.

Bonin (2008) nos apresenta que a temática sobre os indígenas tem sido foco de pesquisa no campo das Ciências Sociais. Contudo, a mesma também se fortalece nas produções literárias em que traz representações de povos indígenas, suas culturas e formas de viver a sociedade. Isso só nos mostra a importância social e histórica da literatura infantil sobre os povos indígenas

⁷ “As histórias que os indígenas contam falam das origens do universo, da humanidade e de como uma sociedade pode se organizar. Eles são grandes contadores de história e, para conhecermos mais os povos indígenas, nada melhor do que sabermos algumas de suas histórias.” (MUNDURUKU, 2019, p. 33)

que chega até as crianças através dos espaços escolares, e também nos coloca – pesquisadores – em uma posição de responsabilidade quando nos propomos a estudar e pesquisar sobre essa temática.

Nessa perspectiva, precisamos, como educadores e educadoras, compreender que, mesmo que “na atualidade, dentro do panorama literário, são muitos os títulos disponíveis que narram o cotidiano indígena a partir de distintos olhares e ênfases variadas” (BONIN, 2008, p. 83), a análise destes materiais se faz importante para se compreender a partir de quem ela é escrita e qual mensagem quer nos passar.

Uma vez que, na atualidade, tem se tornado cada vez mais positivo para o capitalismo se apropriar de causas sociais para vender produtos e lucrar, Bonin (2008) nos coloca que no mercado editorial as novidades e as diferenças ganham espaço a partir de fatores sociais, políticos e de reivindicações de direitos, ou seja, o capitalismo usa da diferença para poder vender, e com isso cada vez mais surgem literaturas sobre a temática, o que requer cuidado e análise por parte dos educadores e educadoras.

Thiél (2013) nos apresenta que a literatura sobre os povos indígenas possui três termos que podem ser usados na categorização das diferentes literaturas sobre os povos indígenas, são eles: *indianista*, *indígena* e *indigenista*. O primeiro, *indianista*, refere-se às produções nas quais os escritores não são indígenas e que surge no período romântico brasileiro, período no qual as produções eram voltadas para a construção da identidade nacional. Nelas os indígenas podem ser personagens tanto do bem quanto do mal, ou seja, herói ou vilão.

Já os textos literários tidos como *indigenistas* irão depender de qual perspectiva os mesmos são construídos, ou seja, seriam obras transculturais produzidas através de uma perspectiva ocidental, escrita ou traduzida por não indígenas, no qual tratam da temática indígena ou reproduzem algumas narrativas Indígenas. Nela estão presentes os gêneros literários ocidentais, como, por exemplo, as lendas (THIÉL, 2013).

Agora, quando se fala em literatura *Indígena*, entende-se que é aquela produzida pelos próprios indígenas, seguindo suas modalidades discursivas e que são obras direcionadas ao público infantojuvenil e também para o público adulto. Nela é possível observar interações de multimodalidades, como a palavra impressa interagindo com as ilustrações, com desenhos geométricos juntamente com elementos rítmicos e performáticos. (THIÉL, 2013). Ou seja, nessa literatura está presente o olhar e as vivências de quem está contando e narrando os fatos com propriedade sobre a temática.

Com isso, fica evidenciado que, para apresentar toda e qualquer literatura para as crianças, é necessário primeiramente conhecer de onde ela vem e de onde ela parte quando narra

alguma história ou situação. Ler variados gêneros textuais irá proporcionar à criança, e também ao adulto, conhecimento sobre a pluralidade cultural existente em nosso país e no mundo, e isso irá promover a igualdade, a liberdade, a cidadania e, por consequência, ensinará sobre o outro e sua cultura (THIÉL, 2013).

Nesse sentido, ensinar/aprender sobre as culturas Indígenas é muito mais do que fazer exercícios nas datas comemorativas, mas sim conhecer sobre as diferentes formas que suas histórias estão sendo contadas e valorizar as produções Indígenas, pois é nelas que podemos ter acesso ao material que de fato nos conta histórias partindo de um lugar de fala que é deles e que terá propriedade para narrar seu mundo tal qual ele é.

Um fato é que, quando falamos de literatura com personagens indígenas, nos vem em mente as obras consideradas clássicas indianistas, tais como *Iracema* e *O Guarani*, ambas do autor José de Alencar (BONIN, 2008). Estas obras nos lembram do Ensino Médio, quando elas eram imprescindíveis na disciplina de Literatura Brasileira.

Contudo, problematizemos: a partir de quem elas são contadas? Nos recordamos da maneira como os personagens são construídos e apresentados? Dificilmente. No entanto, sabemos que elas são importantes. Sendo assim, elas não teriam mais significado se soubéssemos que fazem parte da literatura indianista, e não da literatura Indígena? São alguns questionamentos importantes para que possamos, como pesquisadores e pesquisadoras, compreender a forma como, na maioria das vezes, a temática Indígena nos é apresentada nos espaços escolares.

Tendo isso em vista, fica aqui a perspectiva de pesquisar e analisar através de uma pesquisa de Estado do Conhecimento quais estão sendo as produções científicas nacionais e recentes sobre os Indígenas na literatura infantil brasileira. Dessa forma, a intenção é de que a discussão possa ser aprofundada e firmada em bases sólidas, que possam contribuir teoricamente na construção da presente pesquisa, bem como melhor localizá-la no que já há de publicações acadêmicas sobre o assunto.

3.1 ESTADO DO CONHECIMENTO: O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOBRE OS INDÍGENAS NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

Até aqui foi possível compreender teoricamente o percurso histórico da literatura infantil brasileira e também contemplar de que maneiras os povos indígenas estão sendo representados dentro da literatura infantil brasileira. Neste sentido, faz-se importante e necessário investigar o que outros pesquisadores estão produzindo acerca desta temática, bem

como averiguar a relevância da problemática que o presente trabalho traz e sua originalidade. Para tal, o Estado do Conhecimento se faz importante e imprescindível, uma vez que

No entendimento, estado de conhecimento é identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica. Uma característica a destacar é a sua contribuição para a presença do novo na monografia. (MOROSINI; FERNANDES, 2014, p.155)

No presente contexto mundial, no qual vivemos a situação de uma pandemia que acontece no mundo todo, a tecnologia se fez ainda mais presente na vida pessoal e profissional das pessoas. No mundo acadêmico, o que já era utilizado foi sendo adequado para o cenário, plataformas de busca e pesquisas continuaram sendo utilizadas e provavelmente com muito mais frequência que anteriormente à pandemia, pois se tinha acesso também a bibliotecas físicas, e não apenas às virtuais.

Isso só reforça a importância de existir plataformas virtuais de fácil acesso nas quais pesquisadores do mundo todo possam encontrar produções que foram relevantes para sua área de pesquisa. Conforme Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021), estas plataformas, como *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), etc, contribuem para que o pesquisador construa o que é chamado *Estado do Conhecimento*, pois, na construção deste, o pesquisador poderá encontrar meios de fundamentar teoricamente, dentro de um período de espaço e tempo, seu objeto de pesquisa.

Para além de fundamentar teoricamente seu trabalho, o pesquisador também encontra no Estado do Conhecimento meios de ver sua temática para além do empírico, do senso comum e de opiniões preestabelecidas. Desta forma, Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021) trazem modelos de organização dos trabalhos que são encontrados a partir da pesquisa do Estado do Conhecimento, estes que, segundo as autoras, trazem credibilidade ao trabalho realizado, uma vez que a pesquisa foi realizada e fundamentada a partir de outras produções científicas acadêmicas.

Neste contexto, compreendendo a relevância do Estado do Conhecimento para a construção da análise e da fundamentação teórica do trabalho científico, foi realizada, a partir da temática O Indígena na Literatura Infantil Brasileira, a pesquisa de publicações na plataforma on-line chamada Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), a qual foi desenvolvida e é coordenada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

Na plataforma da BDTD, foi realizada a busca pelas palavras-chave *Indígena e Literatura* na busca avançada, no campo de busca *Título* e também no campo *assunto*. No

campo de busca *Título*, foram encontrados 18 trabalhos. Contudo, destes somente cinco continham em seus resumos alguma proximidade com a temática da presente Dissertação, sendo duas teses e três dissertações, as quais foram selecionadas para contribuir na fundamentação da pesquisa.

Já nos *Assuntos* que continham as palavras-chave, foram encontrados 50 trabalhos, porém, a partir da leitura dos resumos destes trabalhos, somente cinco se aproximavam do tema pesquisado, sendo duas teses e três dissertações, as quais também foram selecionadas para uso na construção teórica do trabalho.

Quadro 1 - Pesquisas sobre o Indígena e a Literatura Infantil Brasileira

DESCRITORES (Palavras-chave)	REPOSITÓRIO	Nº DE TÍTULOS ENCONTRADOS	CAMPOS PESQUISADOS
Indígena e Literatura	BDTD	18	Assunto
Indígena e Literatura	BDTD	50	Título
Indígena e Literatura	Total	68	Título e Assunto

Fonte: Elaborado pela Autora

A primeira etapa da construção do Estado do Conhecimento acontece, conforme Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021), no que elas descrevem em três momentos: no *pré-conceito*, na *razão* e na *verificação dos fatos*. No que diz respeito ao pré-conceito, se entende que o pesquisador, quando se propõe a buscar por determinada temática, já vem com pré concepções acerca do assunto. Este seria então o momento de se despir destes para que sua pesquisa se torne científica. No segundo momento, vem o que as autoras chamam de construção de um *modelo de análise* para, então, chegar na *verificação* dos dados encontrados.

Sendo assim, é no Estado do Conhecimento que encontramos teóricos pesquisadores que já vêm dialogando sobre a temática que o pesquisador se propôs a pesquisar, sendo, a partir da leitura dos mesmos, que podemos fundamentar nosso trabalho. No presente trabalho, foram selecionados, então, a partir da leitura inicial dos títulos e resumos dos trabalhos encontrados, 10 autores que trazem em seus trabalhos apontamentos que podem contribuir para a presente pesquisa.

Salienta-se a importância da definição dos termos e/ou descritores estar alinhada aos objetivos da pesquisa, bem como estar desenhada para atender a amplitude e a especificidade da temática a ser desenvolvida na pesquisa do Estado do Conhecimento. Em ambas as bases de dados mencionadas, a pesquisa inicial dos trabalhos é realizada pela leitura e análise inicial dos resumos, para posterior aprofundamento. (MOROSINI; KOHLS-SANTOS; BITTENCOURT, 2021. p. 62)

Com isso, nos dois quadros iniciais, a seguir, encontra-se a forma como foram organizados os dados obtidos na pesquisa do Estado do Conhecimento. No quadro a seguir está a quantidade de trabalho, os títulos selecionados, o repositório e o tipo de trabalho selecionado. Neste quadro, conforme Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021), se consegue melhor organizar os trabalhos encontrados, tendo, assim, maior visibilidade dos mesmos.

Quadro 2 – Títulos encontrados sobre Indígena e a Literatura Infantil Brasileira

Nº	LISTA DE TÍTULOS SELECIONADOS	REPOSITÓRIO	TIPO
1	A cobra e os poetas: uma mirada selvagem na literatura brasileira	BDTD	Tese
2	A literatura infantil e a prática formativa na pré escola: dialogando com questões étnico-raciais e a educação da criança indígena	BDTD	Dissertação
3	Esta é a paisagem que o pensamento permite: textualidades indígenas	BDTD	Dissertação
4	Um Dabakuri Literário: Estudo sobre narrativas, identidade e política na literatura indígena do Alto Rio Negro	BDTD	Dissertação
5	Representações indígenas no PNBE 2014	BDTD	Dissertação
6	Pele silenciosa, pele sonora: a construção da identidade indígena brasileira norte-americana na literatura	BDTD	Tese
7	Escrita, paisagem e saúde na literatura Indígena	BDTD	Tese
8	A literatura Indígena no Ensino Fundamental: uma experiência na escola do campo	BDTD	Dissertação
9	Diálogos interculturais na literatura indígena contemporânea: uma perspectiva Bakhtiniana	BDTD	Dissertação
10	As confluências das tradições literárias escritas e orais nos livros didáticos: um estudo das representações das literaturas africanas, afro-brasileira e indígenas nos materiais do Programa Nacional do Livro Didático 2014	BDTD	Tese

Fonte: Elaborado pela autora

Como forma de organizar os dados obtidos no Estado do Conhecimento, Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021) trazem a importância de estes passarem por um processo de leitura, extração e anotação de informações encontradas nos resumos dos trabalhos selecionados. Esta organização em tabelas ajuda o pesquisador e a pesquisadora a enxergar pontos em comum, pontos que poderão ser analisados e que tipo de proximidade os trabalhos podem ter acerca da temática.

De acordo com Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021), a primeira etapa da pesquisa do Estado do Conhecimento é a organização do que elas chamam de Bibliografia Anotada. Esta pode ser organizada em um quadro feito pelo pesquisador contendo alguns pontos, tal como mostra o exemplo do quadro abaixo:

Quadro 3 – Bibliografia Anotada

Nº	ANO	AUTOR	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE	RESUMO
Referência completa da publicação					

Fonte: Elaborado pela autora

Neste exemplo, temos o “Nº”, que, conforme Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021), será sempre o rótulo de identificação do trabalho, o qual seguirá sendo o mesmo nos demais quadros, o ano da publicação do trabalho, o autor, o título, as palavras-chave e o resumo dos trabalhos⁸.

Nesta etapa foi possível organizar os trabalhos encontrados e observar, em seus resumos, pontos em comum com a proposta do objeto de estudo da presente pesquisa, o que, conforme Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021), ajuda na próxima etapa, chamada Bibliografia Sistematizada. Diante disto, dos 10 estudos encontrados que continham o indígena e a literatura como objetos de pesquisa, somente sete tinham a análise de literaturas como metodologia.

Por este motivo, ficou definida a exclusão de três trabalhos, que pela metodologia se distanciavam da proposta de análise de livros de literatura infantil que falavam sobre os povos indígenas. Desta forma, os trabalhos: *A literatura infantil e a prática formativa na pré-escola: dialogando com questões étnico-raciais e a educação da criança indígena*, do campo Nº 2; *Escrita, paisagem e saúde na literatura Indígena*, do campo Nº 7; *A literatura Indígena no Ensino Fundamental: uma experiência na escola*, do campo de Nº 8, foram retirados do quadro de análise da bibliografia sistematizada.

No quadro abaixo, segue a lista de títulos selecionados, ficando assim três teses e quatro dissertações:

Quadro 4: Títulos selecionados sobre Indígena e Literatura Infantil Brasileira

Nº	LISTA DE TÍTULOS SELECIONADOS	REPOSITÓRIO	TIPO
1	A cobra e os poetas: uma mirada selvagem na literatura brasileira	BDTD	Tese
3	Esta é a paisagem que o pensamento permite: textualidades indígenas	BDTD	Dissertação
4	Um Dabakuri Literário: Estudo sobre narrativas, identidade e política na literatura indígena do Alto Rio Negro	BDTD	Dissertação

⁸ Serão lidos apenas os resumos dos trabalhos encontrados, uma vez que eles contêm todas as informações de uma pesquisa.

5	Representações indígenas no PNBE 2014	BDTD	Dissertação
6	Pele silenciosa, pele sonora: a construção da identidade indígena brasileira norte-americana na literatura	BDTD	Tese
9	Diálogos interculturais na literatura indígena contemporânea: uma perspectiva Bakhtiniana	BDTD	Dissertação
10	As confluências das tradições literárias escritas e orais nos livros didáticos: um estudo das representações das literaturas africanas, afro-brasileira e indígenas nos materiais do Programa Nacional do Livro Didático 2014	BDTD	Tese

Fonte: Elaborado pela autora

Após serem feitas essas leituras e seleções, passou-se para a organização dos campos dos quadros de Bibliografia Sistematizada, que, conforme Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021), são organizados em número de identificação do trabalho selecionado, ano de publicação, título, nível acadêmico, objetivos, metodologia e resultados da pesquisa. Segue abaixo o modelo de quadro utilizado nesta etapa.

Quadro 5 –Bibliografia Sistematizada

Nº	ANO	AUTOR	TÍTULO	NÍVEL	OBJETIVOS	METODOLOGIA	RESULTADOS

Fonte: Elaborado pela autora

Neste momento do Estado do Conhecimento, conforme Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021), pode ser que alguns trabalhos encontrados na Bibliografia Anotada fiquem de fora da pesquisa, pois seus objetivos não vão ao encontro dos objetivos da presente pesquisa. As autoras ainda atentam para o fato de que a numeração dos trabalhos necessita manter-se, mesmo que algum trabalho tenha sido excluído do quadro.

Neste sentido, após a leitura minuciosa dos objetivos de cada trabalho selecionado, foi possível verificar que dois deles não iam ao encontro dos demais nem se aproximavam do objetivo da presente pesquisa. Por este motivo, os dois trabalhos foram excluídos. No quadro abaixo, segue a lista de títulos selecionados, ficando assim uma tese e quatro dissertações:

Quadro 6: Títulos selecionados sobre Indígena e Literatura Infantil Brasileira

Nº	LISTA DE TÍTULOS SELECIONADOS	REPOSITÓRIO	TIPO
3	Esta é a paisagem que o pensamento permite: textualidades indígenas	BDTD	Dissertação

4	Um Dabakuri Literário: Estudo sobre narrativas, identidade e política na literatura indígena do Alto Rio Negro	BDTD	Dissertação
5	Representações indígenas no PNBE 2014	BDTD	Dissertação
6	Pele silenciosa, pele sonora: a construção da identidade indígena brasileira norte-americana na literatura	BDTD	Tese
9	Diálogos interculturais na literatura indígena contemporânea: uma perspectiva Bakhtiniana	BDTD	Dissertação

Fonte: Elaborado pela autora

Nestes trabalhos selecionados, foi procurada a aproximação com os objetivos da presente pesquisa, que seria a análise de livros de literatura infantil que tenham os povos Indígenas como temática principal. Dentre os sete trabalhos selecionados na Bibliografia Anotada, apenas cinco deles têm o objetivo de analisar livros de literatura infantil e as narrativas que estes trazem sobre os povos Indígenas. Por este motivo, os mesmos permaneceram na pesquisa e foram para a próxima etapa, que é a Bibliografia Categorizada.

Conforme Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021), a Bibliografia Sistematizada irá auxiliar na etapa da Bibliografia Categorizada, uma vez que os trabalhos encontrados estão organizados e prontos para o processo de categorização dos dados encontrados.

Quadro 7 – Bibliografia Categorizada

CATEGORIA -							
Nº	ANO	AUTOR	TÍTULO	NÍVEL	OBJETIVOS	METODOLOGIA	RESULTADOS

Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021), a Bibliografia Categorizada diz respeito a um momento de análise mais aprofundada do conteúdo dos trabalhos já selecionados nas etapas anteriores, sendo esta a etapa mais importante, pois é nela que o pesquisador ou pesquisadora deverá agrupar os trabalhos em blocos por aproximação das temáticas. Dessa forma, são nomeados os conjuntos de categorias que podem estar sendo criadas partindo da literatura ou de trabalhos selecionados.

Assim, também, neste momento, se utiliza muito a Bibliografia Sistematizada, uma vez que nela já estarão organizadas as informações dos trabalhos selecionados para a análise. Neste sentido, foi possível criar duas categorias de análise para estes cinco trabalhos selecionados. As

duas categorias foram nominadas: Análise de Representações Indígenas e Análise de Narrativas.

As duas categorias foram escolhidas para agrupar os trabalhos selecionados que se assemelham em seus objetivos e metodologias de análise de seus conteúdos. Dos cinco trabalhos, dois deles se aproximam quando falamos de Análise de Representações Indígenas e três deles se aproximam quando analisam Narrativas sobre os povos Indígenas. Os títulos que se aproximam estão representados em dois quadros abaixo criados pela autora.

Quadro 8: Títulos selecionados para a Categoria – Análise de Representações Indígenas

Nº	LISTA DE TÍTULOS SELECIONADOS	REPOSITÓRIO	TIPO
5	Representações indígenas no PNBE 2014	BDTD	Dissertação
6	Pele silenciosa, pele sonora: a construção da identidade indígena brasileira norte-americana na literatura	BDTD	Tese

Fonte: Elaborado pela Autora

Quadro 9: Títulos selecionados para a Categoria – Análise de Narrativas

Nº	LISTA DE TÍTULOS SELECIONADOS	REPOSITÓRIO	TIPO
3	Esta é a paisagem que o pensamento permite: textualidades indígenas	BDTD	Dissertação
4	Um Dabakuri Literário: Estudo sobre narrativas, identidade e política na literatura indígena do Alto Rio Negro	BDTD	Dissertação
9	Diálogos interculturais na literatura indígena contemporânea: uma perspectiva Bakhtiniana	BDTD	Dissertação

Fonte: Elaborado pela autora

Conforme Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021), podem ser utilizados mais de um quadro para cada categoria, e isto foi o que a pesquisadora da presente pesquisa escolheu fazer. Para cada uma das categorias, foi feito um quadro contendo o nome da categoria, o nº (rótulo de identificação do trabalho), o ano, o autor, o título, o nível, os objetivos, as metodologias e os resultados dos trabalhos selecionados.

Na categoria denominada Análise de Representações Indígenas, estão uma tese e uma dissertação que investigam representações culturais de personagens nos livros de literatura infantil e a construção dos personagens dentro desses livros.

O primeiro trabalho, *Representações indígenas no PNBE 2014*, de Kelly Mara Soares Dornelles (2017), discute as representações indígenas em obras literárias selecionadas para o acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE/2014 (anos iniciais do Ensino

Fundamental) de autoria Indígena. Em seus resultados, a autora coloca que essa temática ainda é pouco explorada e que o mesmo pode ser debatido em diversas disciplinas, o que poderá gerar conhecimento nas diferentes áreas da educação.

O segundo trabalho, *Pele silenciosa, pele sonora: a construção da identidade indígena brasileira norte-americana na literatura*, publicado por Janice Cristine Thiél (2006), investiga a construção da identidade do índio pela perspectiva ocidental (de tradição europeia) e pela perspectiva indígena nas literaturas brasileira e norte-americana. Em suas considerações finais, a autora descreve sobre a ambivalência e ambiguidade das construções indígenas pelo olhar do outro.

Já na segunda categoria, denominada *Análise de narrativas*, estão agrupadas as três dissertações que, em seus objetivos, se aproximam quando pretendem investigar a construção das narrativas, identidades e a construção dos indígenas nas literaturas brasileiras.

O primeiro trabalho, *Esta é a paisagem que o pensamento permite: textualidades indígenas*, de Rafael Otávio Fares Ferreira (2008), propôs leituras para os textos indígenas publicados atualmente no Brasil, refletindo sobre a experiência do livro e o que seria a escrita entre os indígenas, em especial dos livros publicados pelo povo Maxakali, localizado no vale do Mucuri, em Minas Gerais. Em suas considerações, o autor coloca que a grande contribuição que a textualidade indígena traz é a beleza e as sensações causadas pelas experiências estéticas, que trazem em si muitas possibilidades.

O segundo trabalho, *Um Dabakuri Literário: Estudo sobre narrativas, identidade e política na literatura indígena do Alto Rio Negro*, de Virgílio Simões da Silva Neto (2018), busca analisar aspectos ideológicos, performáticos, simbólicos e identitários envolvendo essa literatura e os usos linguísticos da literatura para a formação de um capital simbólico em prol dos grupos indígenas rionegrinos. Em suas considerações, o autor reflete sobre os avanços que já foram tomados em relação à literatura, porém admite que ainda estamos caminhando para a desconstrução e quebra de paradigmas já estabelecidos sobre a temática.

O terceiro trabalho, intitulado *Diálogos interculturais na literatura indígena contemporânea: uma perspectiva Bakhtiniana*, de Silvely Brandes (2017), tem como proposta, a partir dos Estudos de Linguagem do Círculo de Bakhtin e das discussões sobre o hibridismo e interculturalidade, refletir sobre a literatura Indígena escrita em Língua Portuguesa. Como resultado, a autora percebeu que a literatura Indígena está em relação com outros enunciados indígenas e não indígenas e que os diálogos interculturais na literatura Indígena contribuem com o professor que pretende trabalhar história e cultura Indígena olhando para as relações interculturais a partir das vozes Indígenas da contemporaneidade.

Com isso, notou-se que estas são duas categorias que predominam quando se fala sobre os Indígenas na literatura. Ao finalizar a Bibliografia Categorizada, é possível dizer que, quando tratamos de pesquisas de Programas de Pós-Graduação no Brasil e a temática se refere à questão Indígena na literatura infantil, temos duas grandes tendências nas abordagens dadas a estes estudos, que são análise de representações culturais e análises de narrativas.

Feita esta terceira etapa do Estado do Conhecimento, passamos para a quarta etapa, que Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021) denominam de Bibliografia Propositiva. Nesta, a Bibliografia Categorizada irá servir de base, uma vez que aqui se buscam resultados das pesquisas e possibilidades de propostas presentes nos trabalhos. A partir disso, os pesquisadores e pesquisadoras podem elaborar proposições sobre a temática, ou seja, ir além do que já está estabelecido sobre a temática pesquisada.

Abaixo temos um exemplo de quadro de Bibliografia Propositiva, na qual tem o nº, categoria, achados, proposições do estudo e proposições emergentes sobre os trabalhos selecionados.

Quadro 10 – Bibliografia Propositiva

Nº	CATEGORIA	ACHADOS	PROPOSIÇÕES DO ESTUDO	PROPOSIÇÕES EMERGENTES

Fonte: Elaborado pela autora

Nesta etapa foi possível perceber que os trabalhos encontrados buscam compreender como a história dos povos Indígenas é contada, seja em documentos, livros didáticos e em alguns livros de literatura infantil específicos. A leitura destes trabalhos certamente serviu de auxílio para o entendimento acerca da temática desta Dissertação.

Os trabalhos escolhidos trazem possíveis proposições/soluções para que a cultura Indígena seja melhor apresentada para a comunidade escolar. Em suas reflexões finais, muitos discorrem sobre a importância da discussão no espaço escolar e a aproximação das diversas culturas existentes em nossa sociedade. Para que essa aproximação aconteça, os autores também reforçam a importância da leitura de obras literárias escritas por Indígenas para que suas culturas sejam vistas a partir deles, dos seus lugares de falas.

Estes trabalhos serviram para que a falta de mais trabalhos sobre este assunto fosse sentida. Na comunidade acadêmica pouco se pesquisa sobre, apesar de ser uma temática emergente e de grande importância para a educação, quando ela se propõe a ser pautada na diversidade e equidade.

A partir destes trabalhos, foi possível também perceber a singularidade da presente pesquisa, quando não se encontrou trabalhos que se proponham a analisar livros de literatura infantil brasileira com a temática Indígena especificamente, tratando os livros de literatura como documentos passíveis de análise e criando para estes documentos uma metodologia específica para sua análise. Contudo, tal pesquisa de Estado do Conhecimento serviu para compreender o espaço da temática no meio acadêmico e a necessidade de mais trabalhos na área.

Isso nos ajuda a reforçar o ineditismo dos objetivos da presente Dissertação, uma vez que a ideia aqui é analisar e catalogar, não somente produções literárias específicas, mas todas e quaisquer produções literárias infantis sobre a cultura Indígena direcionadas às crianças e que chegam até elas nos espaços escolares através do Programa Nacional Biblioteca da Escola.

Portanto, conforme Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021), a realização de uma pesquisa do Estado do Conhecimento, não é obrigatória, porém é muito importante, pois nos dá subsídios para construir uma pesquisa com bases científicas fortes e sólidas sobre outras pesquisas que já foram realizadas e analisadas anteriormente, dando, assim, credibilidade ao que vem sendo pesquisado no presente.

Desta maneira, os trabalhos aqui analisados e tabelados nos ajudam a estabelecer relações entre a proposta da presente Dissertação e estudos já publicados. Isso contribui para a verificação de diferentes perspectivas sobre o mesmo tema e a necessidade de aprofundar e investigar questões que acabam ficando “de fora” de algumas pesquisas. A presente pesquisa se diferencia das outras quando pretende analisar e catalogar os documentos literários infantis a fim de pensar formas nas quais esses materiais possam ser apresentados nos espaços escolares. Assim, no próximo capítulo, serão apresentadas as escolhas metodológicas do estudo, detalhando como foi executada esta pesquisa.

4 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo trazemos algumas abordagens e caminhos metodológicos tomados para a construção da presente pesquisa, bem como escolhas tomadas para que tal estudo acontecesse de forma a tornar o presente trabalho significativo e que atendesse aos objetivos desta pesquisa.

A metodologia, conforme Demo (1995), não é a pesquisa, mas sim um meio de organizá-la. Desta forma, se tornou necessário pensar em uma metodologia que atenda as especificidades da presente pesquisa. “Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Neste sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas”. (MINAYO, 1994, p. 16)

Com isso, de acordo com Minayo (1994), a metodologia seria espaço para a organização de técnicas que sejam eficazes e capazes de apresentar nitidamente a organização do trabalho, viabilizando, assim, a visualização das etapas pelas quais a pesquisa passou e como as mesmas foram compostas, seus impasses e desafios em todos os momentos da realização da escrita da pesquisa.

Geralmente é uma parte complexa e deve requerer maior cuidado do pesquisador. Mais que uma descrição formal dos métodos e técnicas a serem utilizados, indica as opções e a leitura operacional que o pesquisador fez do quadro teórico. (DESLANDES, 1994, p. 42)

Sendo assim, a metodologia seria o espaço no qual o pesquisador precisa refletir e escolher o melhor caminho a ser trilhado para se obter um melhor resultado acerca da temática proposta e uma possível aplicabilidade da mesma. Este foi o momento no qual foram pensados os passos e as estratégias a serem seguidas pela pesquisadora para que a pesquisa pudesse acontecer.

A metodologia não só contempla a fase de exploração de campo (escolha do espaço da pesquisa, escolha do grupo de pesquisa, estabelecimento dos critérios de amostragem e construção de estratégias para entrada em campo) como a definição de instrumentos e procedimentos para análise dos dados. (DESLANDES, 1994, p. 43)

Neste sentido, a metodologia do presente trabalho foi pensada e organizada pela pesquisadora em quatro momentos essenciais: o primeiro, através da pesquisa bibliográfica, o segundo, a partir de uma pesquisa de Estado do Conhecimento, no terceiro, a pesquisa documental e análise dos dados obtidos, e, por fim, como quarto e último, a apresentação do produto final proposto pela pesquisadora como resultado da presente pesquisa.

4.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

A primeira etapa constituiu-se de uma pesquisa bibliográfica, entendendo que, conforme Cervo, Bervian e Da Silva (2007), esse tipo de pesquisa auxilia na busca por respostas de problemas já existentes. No caso da presente pesquisa, ela parte de uma inquietação pessoal, de origem, e também a partir da leitura de um livro de literatura infantil chamado *O tupi que você fala*, que, no ano de 2019, chegou até a casa das pessoas através da campanha do Itaú⁹, chamada *Leia para uma criança*. Este livro auxiliou na reflexão de como essas literaturas chegam até as crianças e (se) são apresentadas para as mesmas nas escolas, de que forma e em que momentos elas são apresentadas.

A pesquisa bibliográfica é, conforme Gil (2002), dividida em etapas. Num primeiro momento, é feita a escolha do tema e, após, são realizados o levantamento bibliográfico preliminar, a formulação do problema, a elaboração do plano provisório de assunto, a busca das fontes, a leitura do material, o fichamento, a organização lógica do assunto e escrita do texto.

Neste momento inicial da pesquisa, foi possível, para a pesquisadora, se organizar quanto à escolha da temática do Indígena na literatura infantil brasileira, e a formulação de um problema sobre tal assunto. Nas fontes encontradas, foi possível, a partir da leitura de bibliografias escolhidas como principais, entender o processo histórico e social da construção da literatura infantil brasileira, suas influências, sua importância para a educação e o seu espaço na vida das crianças leitoras e também o processo de construção social da imagem criada acerca dos povos originários e como elas aparecem na literatura infantil brasileira.

No momento da busca bibliográfica preliminar, foram buscados livros e artigos científicos que refletissem sobre a história da literatura infantil brasileira e, na sequência, sobre a história do Indígena na literatura infantil brasileira e como essas construções foram sendo apresentadas para as crianças.

Desta forma, foram encontradas e utilizadas como fontes bibliográficas principais sobre o tema Literatura Infantil autoras como Lajolo e Zilberman (2007), que estudam sobre *A literatura infantil brasileira*, e Cademartori (2010), que discute sobre *O que é literatura infantil*.

Já quando se pensou acerca da Literatura Infantil que traz as culturas Indígenas como tema principal, foram utilizados autores como, por exemplo, Bonin (2008), com o texto *Com quais palavras se narra a vida indígena na literatura infanto-juvenil que chega às escolas?*, Oliveira (2008), com o texto *Arco, flecha, tanga e cocar... ensinando sobre índios*. Thiél (2013)

⁹ Atualmente se chama “Leia com uma criança”, no site do Itaú eles explicam o porquê da necessidade de mudança do nome. Link: <https://www.itausocial.org.br/divulgacao/leia-com-uma-crianca/>

com *A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural*, Munduruku (2019) com *Coisas de Índio* e Thiél (2006) com *Pele silenciosa, pele sonora: a construção da identidade indígena Brasileira e norte-americana na literatura*.

Contudo, para que a pesquisa seja relevante, é necessário compreender também o que outros pesquisadores estão produzindo acerca da temática proposta. Para tal, se faz importante o Estado do Conhecimento, uma vez que é nele que será possível identificar, em uma determinada plataforma escolhida pelo pesquisador, quantas e quais estão sendo as pesquisas científicas publicadas sobre a temática correspondente às suas intenções de pesquisa e, a partir disso, trazer um novo olhar acerca do assunto pesquisado.

4.2 ESTADO DO CONHECIMENTO

O Estado do Conhecimento foi utilizado para fazer um levantamento das publicações recentes, teses e dissertações de Programas de Pós-Graduação do país sobre a temática da presente pesquisa, com o objetivo de saber o que pesquisadores vêm dizendo quando a discussão envolve Indígenas e Literatura. Compreendendo-se que:

[...] estado de conhecimento é identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica. Uma característica a destacar é a sua contribuição para a presença do novo na monografia. (MOROSINI; FERNANDES, 2014, p. 155)

Para tal, foi consultada a plataforma virtual Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). Essa plataforma foi desenvolvida e é coordenada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), na qual se encontram teses e dissertações produzidas por pesquisadores em instituições de ensino de todo o Brasil. Nela foram pesquisadas as palavras-chave *Indígena* e *Literatura*, em título e assunto.

Nos *títulos* foram encontrados 18 trabalhos, contudo, destes somente cinco continham em seus resumos alguma proximidade com a temática desta Dissertação, destes duas eram teses e três dissertações. Já nos *assuntos* que continham as palavras-chave, foram encontrados 50 trabalhos, porém destes somente cinco se aproximavam do tema pesquisado, sendo duas teses e quatro dissertações.

Após a busca na plataforma BDTD, foram feitos dois quadros nos quais estão dispostas as formas como foram organizados os dados obtidos a partir do Estado do Conhecimento. No primeiro quadro, denominado *Pesquisas sobre a temática Indígena na Literatura Infantil Brasileira*, estão as palavras-chave utilizadas, o repositório, o número de títulos encontrados, o

campo de pesquisa utilizado. No segundo quadro, está a quantidade de trabalho, os títulos selecionados, o repositório e o tipo de trabalho encontrado.

Conforme Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021), o pesquisador pode usar tabelas para organizar seu trabalho. As autoras citam quatro tipos de tabelas que podem ser utilizadas pelos pesquisadores para organizar os dados obtidos a partir da pesquisa do Estado do Conhecimento, são elas: Bibliografia Anotada, Bibliografia Sistematizada, Bibliografia Categorizada e Bibliografia Propositiva. Estas ajudam o pesquisador ou pesquisadora a ir organizando e até categorizando pontos em comum encontrados nas teses e dissertações selecionadas.

Estas tabelas foram utilizadas pela pesquisadora. Com e a partir delas, foi possível observar, selecionar e organizar os trabalhos encontrados com a pesquisa do Estado do Conhecimento. Na sequência, foram analisados, comentados e problematizados os trabalhos encontrados, destacando-se o que mais se repetia nos textos, como, por exemplo, palavras-chave e proximidade temática.

A partir de leituras de pesquisas sobre a literatura e os povos Indígenas, é possível observar que ainda temos muito a caminhar para que uma reparação histórica aconteça, contudo, na atualidade, é possível perceber que existe uma movimentação rumo a isso, mesmo que de forma lenta.

Possivelmente, um dos caminhos que se encontram acessíveis para a contribuição do (re)conhecimento das culturas Indígenas presentes em nosso país é a Literatura Infantil Brasileira, que traz em suas narrativas os Indígenas e que pode chegar até as crianças através dos espaços escolares.

Compreende-se, assim, que os livros de literatura infantil podem ser documentos valiosos que trazem em seus textos imagens e textos, com potentes informações que podem contribuir com as diferentes formas de ser e de estar na sociedade. Torna-se, assim, importante a análise destes documentos no meio acadêmico e para isso se faz necessária a Pesquisa Documental.

4.3 PESQUISA DOCUMENTAL

A pesquisa terá como terceira etapa a pesquisa documental. Mesmo sabendo que esta ainda é pouco utilizada e explorada nas áreas da educação e outras áreas, este tipo de pesquisa se torna pertinente, uma vez que ela se utiliza de materiais já existentes, mas que podem trazer para a pesquisa uma nova perspectiva temática ou metodológica. (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

Neste sentido, a análise documental torna-se um importante processo metodológico a ser seguido, pois a análise documental pode ser uma técnica de abordagem importante quando utilizados dados qualitativos, sendo uma abordagem que poderá ajudar a complementar informações que as/os pesquisadoras/pesquisadores já possuem, como também encontrar novos pontos a serem observados. (LUDKE; ANDRÉ, 1986). Um ponto importante a ser pensado é

[...] a caracterização do tipo de documento que será usado ou selecionado. Será do tipo oficial (por exemplo, um decreto, um parecer), do tipo técnico (como um relatório, um planejamento, um livro-texto), ou do tipo pessoal (uma carta, um diário, uma autobiografia)? Envolverá informações de arquivos oficiais ou arquivos escolares? Ou ambos? Será um material instrucional (filme, livro, roteiro de programa) ou um trabalho escolar (caderno, prova, redação)? Incluirá um único tipo desses materiais ou uma combinação deles? (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 40)

Na presente pesquisa, o tipo de documento a ser analisado é de material instrucional, sendo ele livros de Literatura Infantil Brasileira sobre os povos Indígenas que chegaram até à escola através do Programa Nacional Biblioteca da Escola. O acervo conseguido pela presente pesquisadora conta com 13 livros de literatura do PNBE. Conforme Ludke e André (1986), a escolha dos documentos a serem analisados não é algo aleatório, pois por trás desta escolha existe, quase sempre, um propósito, uma hipótese e uma seleção já pré-estabelecida pelo/pela pesquisador/pesquisadora.

Neste sentido, a escolha dos livros de Literatura Infantil Brasileira sobre os povos Indígenas surge de uma reflexão acerca da importância e da potência do trabalho docente a partir da utilização destes documentos para a construção de seres pensantes e conhecedores das culturas e histórias existentes em nosso país, para além de refletir como a história do nosso país perpassa pela literatura e deixa marcas dentro dela.

Isto será evidenciado logo na delimitação do tema, quando, como pesquisadores e pesquisadoras, determinamos o foco da nossa pesquisa. Isso nos auxiliará na seleção e organização dos aspectos mais relevantes para a nossa pesquisa, nos levando a estruturar melhor pontos a serem analisados, como também auxiliar na escolha de técnicas e metodologias variadas, ou não, no momento da análise de conteúdo (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

Diante disto, conforme Ludke e André (1986), os documentos se fazem uma rica e estável fonte de pesquisa. Eles existem ao longo dos tempos, podendo ser consultados quantas vezes

forem necessárias, servindo também para diferentes estudos. Desta forma, os livros de Literatura Infantil Brasileira sobre os povos Indígenas tornam-se fontes que resistem historicamente e que narram as culturas dos povos. Neste sentido, nos resta analisar como essas narrativas são apresentadas e por quem elas são narradas.

Sendo documentos que resistem historicamente, os livros de literatura infantil brasileira nos colocam também frente à história de nosso país, e este seria o papel dos documentos: nos trazer pontos importantes, históricos, que nos mostram a importância de uma análise cuidadosa e responsável. Para além dos documentos – livros de literatura infantil brasileira – serem importantes para pesquisas qualitativas, eles também se tornam uma fonte com custo econômico baixo, uma vez que podemos ter acesso a eles on-line, em bibliotecas públicas, nas escolas etc. Este fato torna o processo de acesso aos documentos mais “fácil”, porém requer investimento de tempo e atenção por parte dos pesquisadores e pesquisadoras. (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

Outro ponto positivo dos documentos é que se torna uma fonte não reativa, ou seja, nela estamos lidando com autores que podem até não estar mais vivos, e isto não impossibilita a pesquisa, pelo contrário, a torna possível de análises puras, que não mudam de opinião ao ser confrontadas, pois já existem historicamente e são passíveis de críticas e reflexões. (LUDKE; ANDRÉ, 1986). Sendo assim, os livros que compõem o *corpus* de análise desta Dissertação são aqueles sobre a temática Indígena que vieram através do PNBE.

Por fim, a análise documental, como sendo uma técnica exploratória, nos abre caminhos para pensar variados modos de análise destes documentos. Ela indica também problemas ou diferentes direções que podem ser tomadas na hora da análise dos dados obtidos, podendo também contribuir com outras técnicas já utilizadas em outros momentos em outras pesquisas. (LUDKE; ANDRÉ, 1986). Com isso, para uma melhor análise dos documentos/conteúdos, passamos para o próximo item, que dará um panorama de quais seriam os caminhos a serem tomados para a análise dos documentos selecionados para a presente pesquisa.

4.3.1 ANÁLISE DE DADOS

Neste item, entendemos ser importante utilizar o método de Análise de Conteúdo, uma vez que este “[...] procura conhecer aquilo que está por trás das palavras pela qual se debruça”. (BARDIN, 2016, p. 50). Ou seja, é através deste método que podemos compreender para além do que nos é colocado, podendo, assim, nos aprofundar no assunto e desenvolver meios para realizar as análises.

Neste sentido, na Análise de Conteúdo, trabalhamos/manuseamos e organizamos todos os documentos e dados obtidos durante toda a pesquisa. Este seria é o espaço no qual o pesquisador e a pesquisadora têm a tarefa de organizar os materiais e dividi-los em partes, as quais podem se relacionar e nelas ser observadas tendências e possíveis proximidades. (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

Sendo assim, para a presente pesquisa os documentos escolhidos, quer seja os livros de literatura infantil brasileira que tragam os povos Indígenas como temática central, serão lidos, analisados e categorizados.

Ludke e André (1986) nos apresentam essa etapa como sendo importante, trabalhosa e também responsável, uma vez que estamos lidando com textos já escritos e que contêm em si uma determinada visão do autor acerca do assunto pesquisado. Essa etapa requer do pesquisador a responsabilidade de lidar com os materiais de forma a analisar mais que um ponto de vista de forma crítica e desconstruída de pré-conceitos.

Para Ludke e André (1986), o método de analisar os conteúdos encontrados nos trazem diversas mensagens intrínsecas nos textos lidos e cabe ao pesquisador compreender as diferentes formas e observar dos diferentes ângulos o que cada documento quer/pode nos mostrar. Isso só nos reforça a necessidade de, como pesquisadores e pesquisadoras, compreender nosso papel como exploradores/as dos diferentes momentos históricos e sociais nos quais estes materiais foram escritos e apresentados.

A análise dos materiais está presente em vários momentos de uma única pesquisa, desde o momento em que nos colocamos a ler estes, até o momento da organização e categorização deles. Desde o início, ao selecionar um determinado material, estamos utilizando uma forma de análise ou seleção, para usá-lo ou não em nossa pesquisa. (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

Sendo assim, pode ser possível, para um pesquisador ou pesquisadora mais experiente, realizar boa parte da análise de seus dados durante a seleção e a leitura dos materiais que serão utilizados na pesquisa. Isso pode ajudar a ir amadurecendo ideias durante o percurso e ser positivo na disposição de tempo do pesquisador ou pesquisadora. (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

Deste modo, a pesquisa se inicia com uma abordagem ampla, com diferentes materiais que podem ser analisados. Com o passar do tempo e das leituras, os caminhos irão se afunilando e determinados pontos se relacionando. Torna-se, assim, para o pesquisador e a pesquisadora, mais tranquila a escolha final dos materiais e métodos de análises. (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

No caso dos livros de literatura infantil brasileira que trazem consigo a temática dos povos Indígenas, foram necessários certos cuidados e atenção a diferentes pontos, como, por exemplo, quem é o autor/autora desse livro? Sob qual perspectiva o autor/autora está

escrevendo? Quais são as narrativas apresentadas? etc. Nessa perspectiva, compreende-se que, conforme Ludke e André (1986), o propósito que a análise documental traz é o de compreender os valores, os sentimentos, as intenções e as ideologias que autores, ou fontes, destes documentos querem nos trazer.

Mediante o exposto, Ludke e André (1986) ainda nos trazem que os processos de análises podem acontecer de duas maneiras, pela unidade de registro ou unidade de contexto. Na primeira, seriam escolhidos segmentos específicos para fazer a análise do conteúdo, podendo ser frequência que uma palavra aparece durante o texto, tópicos, tema, expressões, personagens etc. Já na segunda, seria importante analisar o contexto no qual a unidade ocorre, e não apenas a frequência com que aparece durante o texto.

Com isso, Ludke e André (1986) colocam que vai depender da escolha do pesquisador ou pesquisadora qual seguimento irá seguir. No caso da presente pesquisa, aspectos como personagens, protagonistas e temática irão ser analisados. Contudo, o que mais fortemente pretendeu-se observar é em quais contextos históricos eles acontecem e a partir do olhar de quem eles serão contados/narrados.

Para Ludke e André (1986), após o pesquisador ou pesquisadora escolher o tipo de decodificação que irá utilizar para fazer suas análises, o passo seguinte é escolher uma forma de registro para seus dados. Alguns pesquisadores podem optar por fazer anotações, outros esquemas e diagramas. Este momento será o de organizar os dados da melhor forma possível para ajudar o pesquisador e a pesquisadora no momento de voltar/recorrer aos textos em suas análises.

Na presente pesquisa, foram pensadas duas categorias que poderiam auxiliar na análise dos livros de literatura infantil brasileira que trazem a temática Indígena como ponto central. São elas: *Sob quais perspectivas os autores e as autoras estão escrevendo?* e *Como os personagens são colocados/construídos dentro das histórias?*

Essa metodologia nos auxiliou no desenvolvimento e na solução da problemática da Dissertação, dando-nos alicerces para que essa pesquisa seja significativa na área da educação e também possa vir a servir como base para a organização e criação do produto final, com finalidade social, uma vez que será dada uma devolutiva social após a finalização da presente pesquisa.

4.4 PRODUTO FINAL

Por fim, deste modo, essa metodologia resultaria no que chamamos de *produto final*. Conforme Sartori e Pereira (2019), essa parte da pesquisa é característica dos Mestrados Profissionais do *stricto sensu*, uma vez que o produto aproxima o mundo do trabalho com o social e cotidiano de seus estudantes e tem por finalidade dar um retorno social às pesquisas desenvolvidas.

Nesta perspectiva, geralmente, os estudantes produzem suas pesquisas partindo da realidade na qual estão inseridos profissional e pessoalmente, o que os autores chamam de *Pesquisa Aplicada*, pois possui relação direta com o meio social e suas demandas.

Nesse sentido, é interessante considerarmos que entendemos por pesquisa aplicada a construção do conhecimento científico em relação direta a demandas sociais. Geralmente, o que difere a pesquisa aplicada da chamada pesquisa básica é a sua finalidade. Em ambas as categorias, a investigação científica pressupõe objeto, método e aporte teórico (SARTORI; PEREIRA, 2019, p. 28).

Portanto, a proposta de produto final para a presente pesquisa surgiu da necessidade que senti e sinto, como profissional e estudante, durante e após a conclusão da minha vida acadêmica no Ensino Fundamental e até na graduação, acerca da temática Indígena. Digo isso por compreender a importância dessa temática nas escolas, não somente nas datas comemorativas, mas também como uma forma de reparação histórica e social.

E mais ainda quando, ao realizar o Estado do Conhecimento, foi possível perceber como ainda no âmbito acadêmico científico as pesquisas sobre os Indígenas na literatura são poucas e deixam uma lacuna social, pois seria também papel principal dos pesquisadores desenvolver projetos que tragam para a sociedade e para dentro do espaço escolar temáticas emergentes.

Evidencia-se, assim, que as pesquisas partem, muitas vezes, de uma necessidade social que os pesquisadores observam ou vivem, que, ao deixar de lado o senso comum e partindo para a pesquisa científica, trazem para si a responsabilidade de contribuir para a transformação do meio onde estão inseridos, pois, “ao assumirem sua autoria, como ato político e ético, os(as) docentes-mestrandos(as) potencializam sua formação e incidência transformadora em seus espaços de trabalho e formação continuada” (SARTORI; PEREIRA, 2019, p. 28).

A organização e a proposta de produto final seria, então, o momento no qual, como professora pesquisadora, teria visibilidade e responsabilidade de trazer para o centro do debate pontos sociais importantes para serem refletidos, como também trazer um possível outro modo de ver os povos Indígenas e a necessidade de analisar os materiais que contam suas histórias.

Desta forma, a proposta de produto da presente pesquisa será a criação de um catálogo nos quais os livros de literatura infantil com protagonismo Indígena estão listados. Por fim,

torna-se importante destacar que o público- alvo deste produto final são os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, uma vez que entendo que pode ser a partir deles que podemos, como estudantes pesquisadores, compreender e mudar nossa visão acerca da história das nossas culturas e nossas diferenças, e que no final de tudo possamos compreender que são elas que nos unem.

No próximo capítulo, se encontram as análises dos livros escolhidos, bem como os motivos para a inclusão ou exclusão dos livros utilizados nesta pesquisa. Importante ressaltar que os mesmos são livros que podem ser encontrados nas escolas públicas e que vieram através do Programa Nacional Biblioteca da Escola.

5 O INDÍGENA NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA: QUEM SÃO E ONDE ESTÃO NOS LIVROS?

Para continuar a discussão acerca do protagonismo Indígena na literatura infantil, neste capítulo iremos apresentar, brevemente, o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), uma vez que foi a partir dele que selecionamos os livros de literatura.

A partir da publicação do Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017, o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) foi substituído pelo Programa PNLD Literário, tendo a unificação das ações de aquisições e distribuição de livros didáticos e literários, pelo qual as obras literárias passaram a ser submetidas aos mesmos processos dos livros didáticos, inclusive permitindo a escolha pelas escolas, processo que não era permitido em versões anteriores de aquisições literárias do PNBE.¹⁰

O PNBE¹¹ é um programa executado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), tem parceria com a Secretaria Básica do Ministério da Educação, é direcionado para as escolas públicas, tendo apoio das prefeituras e secretarias dos Estados e Municípios. Em anos de números pares, são enviados os acervos direcionados às escolas de Educação Infantil, anos iniciais do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos. Nos anos de número ímpares, são as escolas dos anos finais e do Ensino Médio.

As primeiras ações relacionadas à biblioteca escolar e sobre a leitura, se iniciaram em 1980, como, por exemplo, o Programa Salas de Leitura (BRASIL, 2008). Somente mais tarde, em 1997, se institui o PNBE.

Em 1997 foi instituído o Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE, por meio da Portaria Ministerial nº 584, que substituiu programas anteriores de incentivo à leitura e de distribuição de acervos às bibliotecas escolares implementados pelo MEC desde 1983. De 1983 a 1999 os programas e projetos nessa área atenderam às bibliotecas das escolas por faixa de matrícula. Em 2000, o PNBE privilegiou a distribuição de obras voltadas para a formação do professor às escolas de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental. (BRASIL, 2006, p. 11)

Com o passar dos anos, o PNBE fora se reinventando e mudando os modos de distribuição dos livros de literatura. Um exemplo é o PNBE Temático de 2012, que pretendeu organizar em temáticas os livros e dentro destas temáticas está a cultura Indígena. Contudo, alguns livros sobre este tema já eram enviados para as escolas públicas, ainda que não com tanto destaque.

¹⁰ Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/biblioteca-na-escola/historico>

¹¹ Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/biblioteca-na-escola/funcionamento>. Acesso em: 26 ago. 2022.

Para iniciarmos a análise dos materiais obtidos, iremos apresentar alguns livros que fazem parte do PNBE. No quadro abaixo, serão apresentados os títulos, o programa pelo qual os livros chegam até a escola e o autor ou autora.

Quadro 11: Apresentação dos livros

Nº	TÍTULO	PROGRAMA	AUTOR/AUTORA
1	Txopai e Itôhã	PNLD – Obras complementares	Kanátyo Pataxó
2	Viagem ao mundo Indígena	PNLD – Obras complementares	Luís Donisete Benzi Grupioni
3	Juntos na Aldeia	PNLD – Obras complementares	Luís Donisete Benzi Grupioni
4	O menino e o Jacaré	PNLD – Obras complementares	Maté
5	Muitas maneiras de viver	PNLD – Obras complementares	Cosell Lenzi e Fanny Espirito Santo
6	O barqueiro e o Canoeiro	PNLD – Literário 6º ao 9º ano	Fernando Vilela
7	Meu lugar no Mundo	PNLD – Ensino Fundamental	Sulamy Katy
8	Curupira: O guardião da Floresta	FNDE – Alfabetização na Idade Certa 1º ao 3º ano	Marlene Crespo
9	Ubatã, o menino Índio	PNLD – Literário	Eliana Martins
10	Yaguarãboia: A mulher onça	PNBE – 1º ao 5º ano	Yaguarê Yamã
11	Katu Taru: O pequeno Pajé	PNBE – 1º ao 5º ano	Daniel Munduruku
12	O povo Pataxó e suas histórias	PNBE	Angthichay Arariby Jassanã Manguahã Kanátyo
13	A lenda do Guaraná: mito dos Índios Sateré - Maué	PNBE	Ciça Fittipaldi

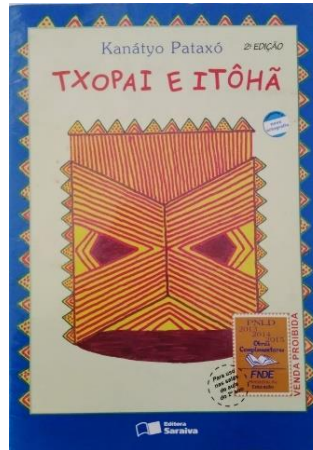
Fonte: Elaborado pela Autora

Abaixo estarão sendo apresentadas as capas e os resumos das obras literárias, a fim de que o leitor possa ter um conhecimento sobre as obras e também saber o motivo deste permanecer, ou não, na próxima etapa da pesquisa, que é a Análise do Conteúdo.

Os primeiros cinco livros do quadro são obras complementares, ou seja, obras que, nas instruções da capa dos livros, são destinados à sala de aula, para uso do professor e para estar

ao alcance dos alunos, pois são obras que contam as histórias das culturas Indígenas de uma forma mais detalhada. Neles estão presentes textos mais extensos e com poucas imagens.

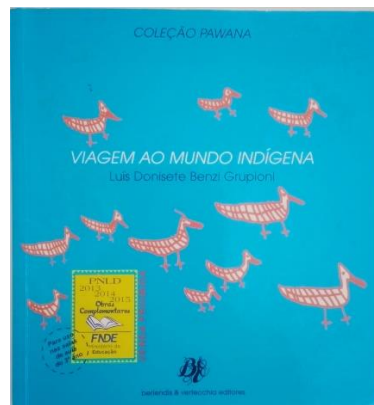
Imagem 1: Txopai e Itôhã



Fonte: Acervo pessoal

Resumo¹²: O livro Txopai e Itôhã foi uma criação que nasceu dentro do meu povo. Ele foi criado para falar da beleza, do sentimento, da poesia, da vida e cultura de meu povo. O Índio e a natureza não vivem separados. Fazemos parte dela e ela faz parte de nós. Este livro nos ensina como devemos pisar e caminhar nesta terra com harmonia com todos os seres que habitam aqui. Ter escrito este livro foi voltar ao princípio da nossa vida, pensando na construção do nosso futuro. Esta foi a razão de escrever este livro para as crianças e demais pessoas que possam usufruir e interpretar a literatura Indígena.

Imagem 2: Viagem ao mundo Indígena



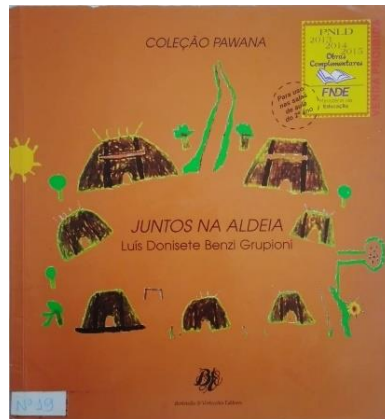
Fonte: Acervo pessoal

Resumo: A coleção Pawana reúne histórias sobre a sabedoria, as tradições, a vida cotidiana e os rituais dos Índios brasileiros, procurando aproximar o leitor ao universo cultural Indígena. Ao ler essas histórias, você, que mora na cidade, poderá ter uma ideia de como é a

¹² Os resumos aqui apresentados, assim como as capas, foram retirados de seus respectivos livros.

vida nas aldeias. Pawana é um termo que em línguas Caribe designa o visitante, o amigo ou parceiro de troca.

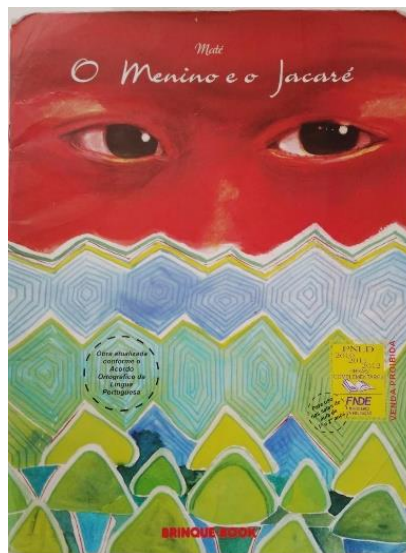
Imagem 3: Juntos na aldeia



Fonte: Acervo pessoal

Resumo: Este é o segundo livro da Coleção Pawana, voltada a aproximar as crianças da cidade do universo cultural dos índios brasileiros. Como no primeiro volume, a intenção aqui é trazer para mais perto do cotidiano e a vida cerimonial dos povos Indígenas, de forma que eles possam se tornar mais familiares e menos exóticos.

Imagem 4: O menino e o jacaré



Fonte: Acervo pessoal

Resumo: Neste livro você vai encontrar a história de Nuati, um indiozinho que costumava zombar de um jacaré-açu e que acabou se metendo em apuros... é uma adaptação de um mito tradicional dos Kayapó, um povo guerreiro e artista que gosta de pintar o corpo e de se enfeitar como os pássaros.

Imagem 5: Muitas maneiras de viver



Fonte: Acervo pessoal

Resumo: Planejado para os alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, este livro introduz no universo infantil as noções de diversidade entre as pessoas, brinquedos e brincadeiras, tecidos e roupas, etc. Ricamente ilustrado, o livro oferece recursos para o trabalho em sala de aula, associando os processos de aprendizagem da leitura à formação de valores.

A seguir, está o resumo do livro de número 6, que é destinado aos alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, por este motivo não se encaixa nesta pesquisa, uma vez que colocamos como objetivo os livros literários para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Imagem 6: O barqueiro e o canoieiro

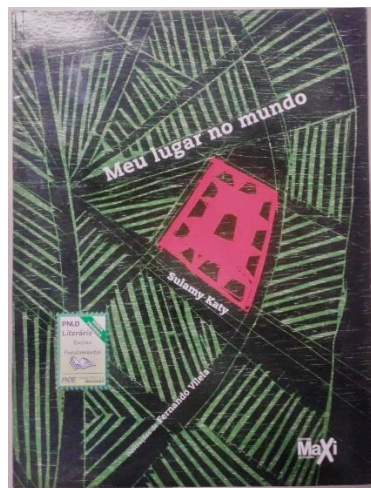


Fonte: Acervo pessoal

Resumo: Por acaso do destino, um barqueiro branco e um canoeiro Indígena se encontram no meio do Rio Amazonas. Juntos, compartilham suas histórias, vivências, aventuras e se ajudam mutuamente.

Já os livros de números 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13 foram os que se encaixaram nos objetivos da presente pesquisa, pois são livros do PNBE direcionados para alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. A seguir estão os resumos dos livros.

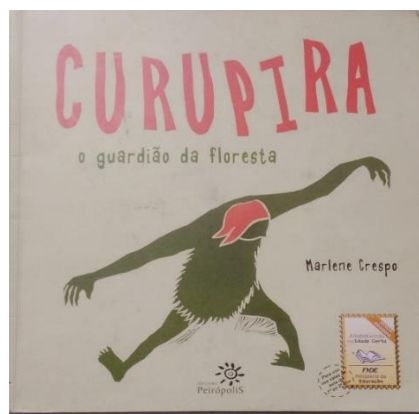
Imagem 7: Meu lugar no mundo



Fonte: Acervo pessoal

Resumo: No litoral da Paraíba, em um lugar abraçado pela mata e pelo mar, vivem os potiguaras. Entre eles, Sulamy – uma jovem acostumada a pegar fruta no pé, preparar beiju, dançar na festa do coco, ouvir histórias do avô... Porém, essa vida de tranquilidade está para mudar: Sulamy acaba de receber uma missão especial, e agora precisa deixar a aldeia e ir à cidade grande, onde fará descobertas inesquecíveis.

Imagem 8: Curupira: o guardião da floresta



Fonte: Acervo pessoal

Resumo: O curupira não é flor que se cheire – os caçadores que o digam! Ele usa seus poderes mágicos impiedosamente contra aqueles que não respeitam a floresta e os seres que a habitam.

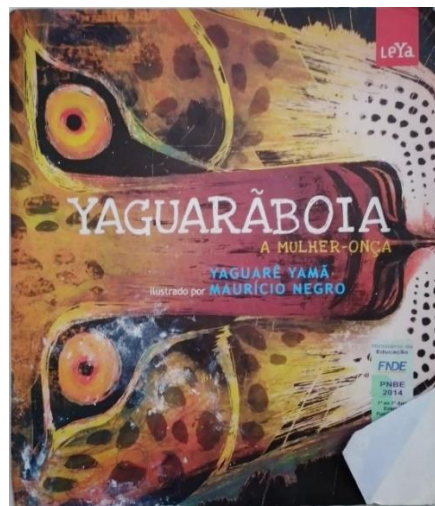
Imagem 9: Ubatã, o menino- índio



Fonte: Acervo pessoal

Resumo: A história de Ubatã, o menino- índio surgiu da grande preocupação que temos atualmente com o meio ambiente. Quem melhor que um menino-índio, que respeita a natureza e entende os animais para mostrar essa importância? Que a mensagem de Ubatã, transmitida por sua história de coragem e perseverança, possa despertar o guerreiro que há em cada um de nós.

Imagem 10: Yaguarãboia: a mulher-onça



Fonte: Acervo pessoal

Resumo: Este livro resgata a lenda maraguá que narra a surpreendente e curiosa história de uma mulher que come carne de onça e lentamente vai se transformando em um animal mitológico chamado Yaguarãboia, que tem cabeça de onça, corpo de mulher e cauda de cobra.

Imagem 11: Karu Taru: o pequeno pajé



Fonte: Acervo pessoal

Resumo: Karu Taru tem só nove anos, e espera-se uma tarefa imensa: suceder o pajé da sua aldeia e conquistar a confiança de seu povo. Ele não entende por que foi escolhido para tamanha missão. Entre conversas com os pais, vivências com o velho sábio e uma incrível viagem ao mundo dos sonhos, Karu Taru faz grandes descobertas.

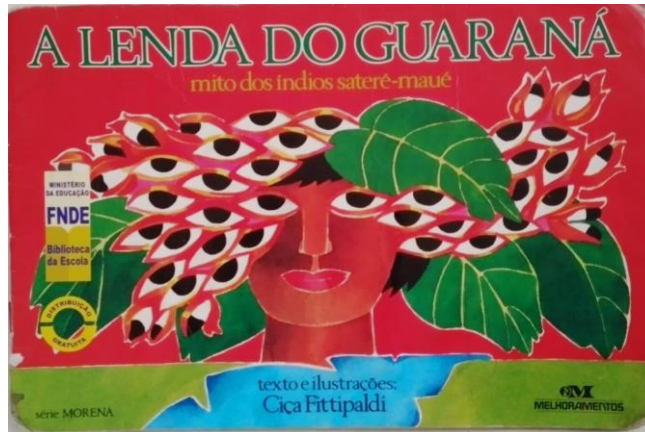
Imagem 12: O povo pataxó e suas histórias



Fonte: Acervo pessoal

Resumo: Esta obra é resultado de um trabalho feito pelos professores Pataxós, que escreveram, ilustraram e compilaram as várias histórias reunidas aqui, que falam sobre coragem, orgulho, tradição e sua luta pela sobrevivência.

Imagem 13: A lenda do guaraná: mito dos índios sateré – maué



Fonte: Acervo pessoal

Resumo: Primeiro, do olho esquerdo nasceu do menino nasceu uma planta que não era forte. Era o falso guaraná, que ainda existe e os índios chamam de ‘uaraná-hôp’. Depois, do olho direito, nasceu o guaraná verdadeiro, que os índios chamam de ‘uaraná-cécé’. Por isso que o guaraná é assim, que nem olho de gente.

Por fim, tendo apresentado as 13 obras, para além de trazer os resumos destas, procuramos organizá-las em grupos de aproximação, como forma de uma pré-seleção dos materiais que serão analisados mais à frente nas categorias criadas pela presente pesquisadora. Com isso, ficaram sete livros que estarão nas categorias de análises.

Esta foi uma das ferramentas, além da leitura dos livros, de organização que consistiu em colocar os livros em “pequenos” acervos, facilitando, assim, a permanência, ou não, destes na análise dos conteúdos.

Feito isso, serão agora apresentadas e discutidas as categorias de análises, as quais se dividem em duas, sendo elas: *Sob quais perspectivas os autores e as autoras estão escrevendo?* e *Como os personagens são colocados/construídos dentro das histórias?*

Nesta primeira categoria, pretendemos conhecer um pouco sobre quem escreve essas histórias, ou seja, conhecer quem são os autores e as autoras dos livros literários e buscar ver como isso teria influência na sua escrita.

Na segunda categoria, pretendemos compreender qual é o papel dos Indígenas dentro destas narrativas, trazendo alguns trechos dos livros, para além de analisar como as três perspectivas, que serão apresentadas mais à frente, influenciam nas narrativas.

5.1 ANÁLISE DAS OBRAS LITERÁRIAS

Tendo os livros lidos e escolhidos, passamos para uma parte essencial do presente trabalho, a análise do conteúdo encontrado nesses documentos. Aqui organizamos em duas categorias estes materiais e trazemos reflexões acerca das histórias, suas semelhanças ou não, sobre seus autores e suas autoras, e as influências destes para com as literaturas.

Os livros escolhidos para as análises foram os livros que chegaram na biblioteca da escola através do PNBE e que são direcionados para os alunos e alunas do 1º ao 5º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Esta seleção fez com que o número de livros escolhidos diminuísse de 13 para sete livros. Estes se encontram no quadro abaixo, numerados, com o título do livro e o nome das autoras e dos autores:

Quadro 12: Livros selecionados para análise

Nº	LIVRO	AUTORA/AUTOR
1	Meu lugar no Mundo	Sulamy Katy
2	Karu Taru, O pequeno Pajé	Daniel Munduruku
3	O povo Pataxó e suas histórias	Angthichay Arariby Jassanã Manguahã Kanátyo
4	Yaguarãboia: A mulher onça	Yaguarê Yamã
5	Curupira, o guardião da Floresta	Marlene Crespo
6	A lenda do Guaraná: mito dos Índios Sateré – Maué	Ciça Fittipaldi
7	Ubatã, o menino Índio	Eliana Martins

Fonte: Elaborado pela autora

Deste modo, seguiremos para a primeira categoria, denominada *Sob quais perspectivas os autores e autoras estão escrevendo?*, na qual pretendemos conhecer os autores e autoras destes livros e qual a influência destes sobre como as histórias são contadas. Compreendendo que as duas categorias se completam, iremos conhecer quem conta as histórias, como este/esta constrói os personagens e a partir de qual perspectiva o/a mesmo/mesma está escrevendo. Importante ressaltar que todos os sete livros serão analisados nas duas categorias.

5.1.1 SOB QUAIS PERSPECTIVAS OS AUTORES E AUTORAS ESTÃO ESCRREVENDO?

Nesta categoria pretendemos compreender a partir de quais perspectivas as histórias selecionadas foram escritas e como isso tem influência nelas. Para isso, usaremos Thiél (2013), que nos traz em suas escritas três perspectivas que necessitam de atenção ao estudamos a literatura que fala sobre os povos Indígenas. São elas a *indianista*, a *indigenista* e *indígena*. Neste momento, tomaremos essas três perspectivas como um modo de organização/aproximação dos documentos selecionados.

Entende-se que, conforme Thiél (2013), a literatura indianista é aquela escrita por não indígenas, nas quais os personagens são construídos como heróis ou vilões. Esta é uma literatura que busca construir uma identidade nacional e se refere ao período romântico brasileiro. Estariam aqui autores como José de Alencar, com as obras *Iracema*, *O Guarani* e *Ubirajara*. Neste período, as obras, em sua maioria, eram criadas pela visão do colonizador.

Nas obras tidas como indigenistas, Thiél (2013) coloca que são aquelas também produzidas por não indígenas, que trazem/reproduzem a temática através das lendas, por exemplo. Aqui caberia colocar as obras *Curupira*, *A lenda do guaraná* e *Ubatã, o menino-índio*, uma vez que estas são histórias sobre Indígenas, contadas através da visão de autores não indígenas.

Dentro da perspectiva indigenista, a linha entre a construção dos personagens e seus enredos é muito tênue, e estes materiais necessitam de atenção ao serem lidos e analisados, já que a história não é contada por quem de fato vive ela, mas sim por simpatizantes e pesquisadores da temática Indígena.

Muito mais que apenas conhecer, estudar e ler para as crianças, as literaturas Indígenas nos levam pra dentro das suas culturas, pra dentro das suas casas e a par de suas lutas diárias. Seus enredos são recheados de vivência e ousa dizer que de sobrevivência histórica, elas pulsam em cada frase, em cada ilustração e nos aproximam. Coelho (2000) descreve a literatura infantil como um agente de transformação, é a ela que podemos atribuir a grande responsabilidade de conscientizar e sensibilizar seus leitores e ouvintes.

Dentre os livros encontrados e selecionados, através das descrições dos autores presentes no verso dos livros, foi possível identificar, através da bibliografia descrita dos autores e autoras, que quatro dos sete livros, foram escritos por Indígenas. Sendo eles os livros: *O povo Pataxó e suas histórias*, *Meu lugar no mundo*, *Karu Taru: o pequeno Pajé* e *Yaguarãboia: a mulher onça*.

Nas descrições destes livros, é possível notar que os autores e autoras Indígenas fazem questão de trazer sobre a importância de falarem, através da literatura para as crianças, sobre as suas origens, sua coragem e, principalmente, sobre a luta dos povos Indígenas. O livro *O povo Pataxó e suas histórias*, por exemplo, traz em sua capa “[...] as várias histórias reunidas aqui, que falam sobre coragem, orgulho, tradição e sua luta pela sobrevivência”.

Já no livro *Meu lugar no mundo*, a autora Sulamy Katy fala da necessidade de ter que deixar a aldeia e ir para a cidade, descrita como “uma jovem acostumada a pegar fruta no pé, preparar beiju, dançar na festa do coco, ouvir histórias do avô...”. Ainda sobre a descrição da autora, ela fala da necessidade de se aproximar os Indígenas dos demais povos brasileiros e da necessidade em percebermos as diferenças e semelhanças que nos unem.

O mesmo acontece com o autor Daniel Munduruku no livro *Karu Taru: o pequeno Pajé*. Nele o autor se descreve como alguém que se “[...] dedica a escrever livros para jovens e crianças inspirado em sua própria história de vida. Histórias que transmitam a verdadeira realidade do índio brasileiro”.

O autor Yaguarê Yamã, do livro *Yaguarãboia: a mulher-onça*, é descrito como um militante pelos movimentos Indígenas, que luta pela demarcação das terras de seu povo, pela conscientização dos ribeirinhos e pela inclusão do Indígena na sociedade brasileira. Este ainda traz um pouco de sua ascendência e o local onde vive atualmente.

Importante compreender que nestes livros, escritos por Indígenas, o que é ressaltado são sempre as vivências, as origens e as lutas dos povos por reconhecimento, respeito e até mesmo aceitação. Estes autores trazem consigo também muito orgulho de suas origens e, através da literatura, tentam desmistificar alguns conceitos sobre a vida dos povos Indígenas. Conforme Thiél (2013), as obras escritas por Indígenas transpassam apenas o *exótico*, mas precisam/podem ser lidas com uma atenção maior à linguagem, à escrita e em como as figuras são apresentadas de forma única.

Já os livros *Curupira: o guardião da floresta* e *A lenda do guraná* e *Ubatã: o menino-índio* são livros escritos por autoras não Indígenas. Estas trazem em suas descrições suas pesquisas e seus interesses ao escrever sobre os povos Indígenas. No livro *Curupira: o guardião da floresta*, a autora Marlene Perlingeiro Crespo é descrita como alguém que “[...] associa texto e imagem, ambos de sua autoria. A ligação às raízes nativas, presente sempre no trabalho da artista, combina muito bem com a narrativa de um mito brasileiro”.

Esta frase, que se encontra na bibliografia descrita no verso do livro, nos faz refletir sobre a palavra *combina*, que é usada para falar das produções da autora sobre a temática Indígena. Se pensarmos que não existe apenas um povo Indígena, mas povos com diferentes

culturas, distintas formas de organização e uma diversidade social enorme (BRASIL, 2009), seria correto dizer que uma história *combina* com os povos nativos quando, primeiramente, ela não é contada por eles?

Neste sentido, o livro *A lenda do guaraná*, da autora Ciça Fittipaldi, traz que ela viveu entre os Indígenas Nambiquara e que isto a levou a pensar em escrever para crianças “no intuito de formar uma consciência nacional a respeito da questão do índio no Brasil: a luta das nações Indígenas por seu direito à vida e à integridade de suas cultura”.

No livro *Ubatã, o menino-índio*, a autora Eliana Martins se descreve como alguém que sempre gostou de ler, que desde criança viaja pelos mundos encantados, enfrenta dragões e bruxas malvadas. *Porém, apesar de ter lido e publicado muitos livros, não sabe ler o céu estrelado nem entender o som do vento, como sabem os índios. Escreveu várias peças de teatro para crianças e roteiros para televisão, mas não sabe ler as horas pela posição do Sol ou da Lua, como sabem os índios.* A autora finaliza dizendo que não teria tanta coragem quanto o personagem do livro e que ele é corajoso porque ele é índio, e índio é sempre corajoso.

O fato da autora usar a palavra “índio” em sua obra, e até na sua descrição, é algo preocupante e passível de questionamento, uma vez que se compreende que esta palavra não abrange tamanha diversidade cultural dos povos Indígenas e, até certo ponto, o reduz a um estereótipo já internalizado pela sociedade acerca das culturas dos povos originários.

Conhecer quem escreve as obras é importante e interessante, pois a partir disso conseguimos compreender os rumos das histórias, como os autores e as autoras irão apresentar os personagens e como irão colocar eles dentro das narrativas. Estes pontos podem ser observados conforme a perspectiva seguida por quem elas foram criadas. Curioso também, podermos analisar o lugar de fala de quem escreve as histórias.

Sem querer entrar em conceitos e pré-conceitos acerca do lugar de fala, acaba se tornando indispensável conhecer o lugar que o escritor Indígena ocupa nas bibliotecas das escolas. Ribeiro (2017), quando discorre sobre a temática do lugar de fala, coloca que não se fala apenas de experiências individuais, mas sim do acesso que determinados grupos sociais não alcançam com determinada facilidade.

Os autores Indígenas, em decorrência da colonização e de todo o histórico de apagamento, tendem a ter um espaço diferente nas bibliotecas frente aos autores não Indígenas. Conforme Thiél (2013), os autores Indígenas, na maioria das vezes, são procurados, não pelas histórias, mas pela curiosidade sobre a língua, sobre os conceitos e sobre o modo de organização.

Não estamos aqui negando a importância de autores não Indígenas e suas escritas, pelo contrário, acreditamos que quanto mais se fala sobre a temática, mais proximidade se tem com ela. Contudo, há sim a necessidade de visibilidade sob as produções Indígenas para que menos estereótipos sejam criados sobre ela. Afinal, quem melhor para falar sobre a temática se não aquele que a vive cotidianamente?

Por fim, na próxima seção, será apresentada a segunda categoria, denominada *Como os personagens são colocados/construídos dentro das histórias?* Nele será possível analisar as narrativas criadas pelos autores e autoras acima apresentados.

5.1.2 COMO OS PERSONAGENS SÃO COLOCADOS/CONSTRUÍDOS DENTRO DAS HISTÓRIAS?

Nesta categoria, serão analisados os personagens, como suas histórias são construídas e como são colocados dentro das narrativas. Nesse momento, foi preciso uma leitura minuciosa de todos os sete livros selecionados para entender a construção dos personagens e como as autoras e autores os colocam dentro das histórias. Compreende-se que,

Personagem é a transfiguração de uma realidade humana (existente no plano comum da vida ou num plano imaginário) transposta para o plano da realidade estética (ou literária). Não há ação narrativa sem personagens que a executem e vivam. A personagem é o elemento decisivo da efabulação, pois nela se centra o interesse do leitor. (COELHO, 2000, p. 74)

Conforme Coelho (2000), existem três tipos de personagens dentro das narrativas, são eles: o personagem *tipo*, o personagem *caráter* e o personagem *individualidade*. O primeiro, *personagem tipo*, corresponde a personagens facilmente reconhecidos pelo leitor, seriam eles reis, rainhas, princesas etc, ou seja, personagens que nunca mudam seu *status*. Geralmente estes estão em contos de fada e contos maravilhosos.

O segundo, *personagem caráter*, representa alguns padrões comportamentais e morais. O caráter é sempre o ponto-chave que impulsiona os personagens a viverem suas jornadas. Este seria o que mais aparece nas histórias das literaturas tradicionais que trazem algum tipo de exemplo a ser seguido. Essas duas categorias de personagem se assemelham na maioria das vezes, pois um personagem pode fluir entre as duas durante a passagem da história.

Por fim, o personagem *individualidade* é caracterizado pela dualidade entre o bem e o mal, generoso e egoísta. Aqui o personagem faz com que o leitor precise de uma leitura do todo para compreender sua complexidade, entendendo que nem todos são uma coisa ou outra, mas sim uma mistura. Este seria um personagem mais voltado para o público adulto, contudo, há produções voltadas para as crianças, como, por exemplo, *O pequeno Príncipe*.

Neste momento, começaremos a análise, então, com os livros *Ubatã, o menino Índio* e *Katu Taru, o pequeno Pajé*. Nessas obras os personagens principais são meninos/homens e nestas duas histórias estão presentes características como força, coragem, respeito com a natureza e tudo que há nela, e também muito respeito com a família e as tradições. Em ambos os livros, os personagens partem em sua jornada pela sabedoria.

Em determinado momento do livro de *Katu Taru, o pequeno Pajé*, seu pai lhe fala que *todas as coisas possuem espírito, estão vivas e são nossos parentes*. O respeito é algo fortemente ensinado aos personagens, em ambas as histórias, e isso é algo que os faz fortes à medida que a história vai avançando, contudo, ambos têm a consciência de que ainda são crianças e ainda têm muito o que aprender sobre todos os assuntos: *Karu ficou pensando no tamanho da responsabilidade que estava abraçando e, mais uma vez, ficou contente por ter o dom da visão. Um dia, seria também um grande pajé. Por enquanto, queria ser apenas criança*.

Nestas duas histórias fica representado o *personagem caráter*, uma vez que os personagens principais têm em suas jornadas a valorização de ensinamentos passados de seus familiares, reforçando alguns comportamentos que eles precisam ter, como, por exemplo, o respeito pela natureza. O ponto forte que impulsiona os personagens são pessoas próximas precisando de ajuda.

No livro *Curupira, o guardião da floresta*, está fortemente destacada a relação do homem com a natureza. Esta história flui como uma conversa de mãe com filho e ao decorrer aparecem personagens mais velhos e mais sábios para afirmar a importância de se respeitar os animais, a natureza e, principalmente, ter respeito com o guardião da floresta, o curupira.

*Curupira é mau, como a floresta,
Que traz às vezes ruína e morte.
Curupira é bom, como a floresta,
Mãe da vida, que finda e se renova.
Vem de um tempo antigo
Que o mundo da máquina
Ameaça matar.
Seu modo de ser
É sua mensagem.*

Conforme Thiél (2013), as literaturas Indígenas tendem a estabelecer e fortalecer os vínculos entre as gerações. É possível observar que nestas histórias apresentadas isso é algo muito presente. A figura dos adultos é sempre de alguém sábio, que contém conhecimento sobre os diversos assuntos e que deve ser ouvido e respeitado.

Nesta história, apresenta-se o *personagem individualidade*, já que se trata do curupira, um ser complexo, que age de formas diferentes conforme as situações. Ele aparece conforme a

situação e pune ou ajuda o ser humano que entra em seu território. É, assim, uma história que precisa de mais atenção sobre o personagem para melhor compreendê-lo.

Os livros *Yaguarãboia: A mulher onça* e *A lenda do Guaraná: mito dos Índios Sateré - Maué* contam a história de duas personagens mulher. O primeiro livro já se inicia com uma crítica a um casal que se distanciara de seu povo, depois segue falando da teimosia da mulher em não seguir as leis da natureza e experimentar a carne de onça, um animal sagrado.

Já o segundo, sobre a lenda do guaraná, fala sobre uma mulher que fora seduzida por uma cobra e dela teve um bebê. Esta acabou escolhendo seu filho, ao invés de seus irmãos, e fora pra longe do seu povo e, abandonando a família para ter o menino, que mais tarde morre e, pelos pedidos da mãe, renasce e dá vida ao pé de guaraná.

Em ambos os livros, são reforçadas as lendas sobre os povos Indígenas e o que acontece quando alguém vai contra as crenças. Eles servem como uma chamada de atenção. Interessante aqui que a figura da mulher é representada como alguém que escolheu não seguir os ensinamentos e acabou sendo punida por isso.

Nas duas histórias, as personagens tiveram que fazer uma escolha, entre permanecer com seu povo ou ir contra. Elas se aproximam do *personagem individualidade*, uma vez que precisam fazer uma escolha difícil e com ela vêm as consequências, porém, para compreender suas escolhas, é necessário analisar o todo das suas jornadas e de como elas vêm sendo construídas.

Os outros dois livros, *Meu lugar no Mundo* e *O povo Pataxó e suas histórias*, são livros nos quais as histórias são narradas pelos próprios autores, com o modo de organização de cada povo Indígena, sobre o casamento, sobre identidade etc. No primeiro, a autora usa a própria experiência vivenciada na aldeia para narrar suas vivências em forma de contos e como forma de mostrar como fora criada. Já o segundo livro, *O povo Pataxó e suas histórias*, traz algumas lendas e modos de organização de seus povos.

Nestas duas últimas obras, ficam evidentes a origem das histórias. Elas vêm de situações vivenciadas pelos autores. O modo místico, que muitas histórias são contadas, acaba sendo um ponto em comum entre as duas obras, nos mostrando que “[...] as narrativas míticas indígenas anunciam em seus parágrafos de abertura, muitas vezes, a consciência de uma continuidade ou de uma permanência de um saber ancestral; ao mesmo tempo, sinalizam a atemporalidade da história”. (THIÉL, 2013, p. 1181)

Um ponto que acreditamos ser em comum, em todas as sete obras, é o de que os personagens Indígenas são construídos para serem protagonistas de suas histórias. As consequências de seus atos não é algo que faz com que os personagens sejam meros

expectadores ou que somente estejam na história como objeto de estudo. Mesmo nas obras não escritas por autores ou autoras Indígenas, seus personagens sempre são sinônimo de coragem ou de busca por conhecimento.

No próximo e último capítulo, teremos as considerações finais e algumas reflexões acerca do que foi encontrado durante a pesquisa, os objetivos alcançados e a relevância da temática para a educação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: (IN)VISIBILIZAÇÃO DOS POVOS ORIGINÁRIOS: COMO AS ESCOLAS AINDA REPRODUZEM O RACISMO?

Pensando no modo como fomos ensinados a ver e reconhecer as culturas Indígenas nos espaços escolares, este capítulo surge para que possamos refletir em como as escolas ainda reproduzem o racismo, muitas das vezes estrutural, quando se propõem a realizar projetos com tal temática.

Primeiro se faz necessária uma breve volta ao passado, pois é nele onde ideais que predominavam sobre os povos indígenas, como a morte, a escravidão, a invasão de terras e subalternização, se fortalecem. A história, por muito, fora contada pelo homem branco, pautada em suas ideologias e em seu lugar de protagonismo (PALMA; MORAIS, 2019).

Deste modo, os povos Indígenas, historicamente, foram vistos como meio para se obter mão de obra, muitas das vezes apoiada por políticas pautadas na violência e no apagamento. Atualmente, ainda são vistos como um impedimento para o desenvolver da sociedade e seu progresso, pois lutam diariamente para manter costumes, culturas e seu espaço dentro da história que ainda insiste em não lhes *dar* seu espaço de direito (PALMA; MORAIS, 2019).

E como as políticas de apagamento da história chegam às escolas, seja através das cartilhas, ou atualmente nos livros didáticos, elas acabam por manter um papel do homem branco colonizador, perspectiva sob a qual as escolas trabalham as culturas Indígenas, pela obrigatoriedade da temática, mas que vê as mesmas como algo à parte da sociedade, e não como o começo e atuante nela. Para Palma e Morais (2019), a escola acaba por excluir a tradição, omitir a história e transformar os povos originários a um modelo já definido pelo Estado. E isso também acontece com a literatura infantil ao não se escolher livros com a temática Indígena para ler para e com as crianças.

Com esta pesquisa, foi possível perceber o quanto as políticas de apagamento têm suas bases bem fixadas nos livros de história e também na mente de quem insiste em não se atualizar sobre a temática, ou que simplesmente está confortavelmente reproduzindo o que lhe fora ensinado a vida inteira, seja na escola ou fora dela.

Fazendo uma análise dos dados encontrados na pesquisa bibliográfica, somente em 2012 se teve um movimento de criar eixos temáticos para que as literaturas chegassem até às escolas, através do PNBE – Temático, nos quais os livros sobre Indígenas tivessem um foco maior.

Uma problemática encontrada durante o percurso da presente pesquisa fora a dificuldade em encontrar as listas com os nomes dos livros de literatura infantil que foram enviados para as escolas a partir do PNBE, mesmo dentro de uma delimitação de tempo. As únicas listas encontradas no site do MEC foram de 2006 a 2013 e nestas listas as obras literárias não estavam organizadas em temáticas específicas, constando apenas os títulos e seus autores e autoras.

Este é um ponto preocupante, pois o fato de não termos acesso aos dados, que deveriam estar ao nosso alcance com facilidade, prejudica a pesquisa e impede que análises completas sejam feitas e, dificultando, ainda, que estudos sobre a efetividade destas políticas públicas sejam feitos, uma vez que não se consegue mapear a quantidade e, por vezes, a qualidade destes materiais que chegam às escolas.

Por assim seguir, nos colocamos a responder algumas perguntas que nos movimentaram no início desta pesquisa. Algo interessante a se pensar é que estes materiais tenham um espaço de destaque nas bibliotecas, podendo ser uma prateleira somente sobre a temática, para que assim sejam facilmente encontrados.

Ao pensarmos que se refere às formas como os professores e as professoras poderiam utilizar estes materiais com as crianças nas escolas, após pesquisar sobre a importância do contato com a literatura infantil na formação de crianças leitoras, a resposta chega de maneira fácil, por assim dizer: uma vez que se *cria* leitores quando primeiramente os tornamos *ouvintes*, uma vez que as professoras e os professores criam o hábito de ler para as crianças, ele dificilmente se perde, mas ele somente permanece se essa leitura for prazerosa, passível de diálogo, e não apenas para responder questões sobre.

O que permanece aqui é que a literatura infantil é a porta de entrada para um mundo maior, cheio de questionamentos e que aproxima povos e culturas. O contato com as literaturas Indígenas e sobre os povos Indígenas precisa estar presente no cotidiano das crianças, e não apenas nas datas “comemorativas”, ou quando se cria um projeto na escola sobre a temática. Essa literatura precisa estar ao alcance dos olhos e ouvidos das crianças, de forma lúdica, para que não se torne apenas objeto de curiosidade.

Importante ainda que, como professores e professoras, entendamos o espaço destas literaturas em nossos dias. Assim, se torna menos complicado e menos difícil falar sobre a temática Indígena, pois, dessa forma, talvez, ela pare de ser algo exótico e passe a ser parte da nossa história e, com isso, parte da nossa aproximação, reconhecimento e pertencimento.

Por fim, o anseio que fica, para futuras pesquisas, é o de compreender como as crianças nas escolas recebem estes materiais, como o contato com estes documentos interfere em suas convicções e seus pré-conceitos já criados sobre a temática Indígena, um ponto que não fora

pensado para esta pesquisa, mas que certamente seria muito relevante em uma pesquisa de campo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Biblioteca na escola. Secretaria da Educação Básica. Brasília, 2006. Disponível em: file:///C:/Users/USER/Documents/1%20MESTRADO/PNBE/biblioteca_escola_seb.pdf Acesso em: 16 ago. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): leitura e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras. Brasília, 2008. Disponível em: file:///C:/Users/USER/Documents/1%20MESTRADO/PNBE/livro_mec_final_baixa.pdf Acesso em: 15 ago. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília, 2013. Disponível em: https://educacaointegral.org.br/wpcontent/uploads/2014/07/diretrizes_curriculares_nacionais_2013.pdf. Acesso em: 14 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1 ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BONIN, Iara Tatiana. Com quais palavras se narra a vida indígena na literatura infanto-juvenil que chega às escolas? *In*: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. (Org.). **Estudos Culturais para professor@s**. Canoas: Ed. ULBRA, 2008.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CERVO, Amado Luiz.; BERVIAN, Pedro Alcino; DA SILVA, R. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1995.

DESLANDES, Suely Ferreira. A construção do projeto de pesquisa. *In:* DESLANDES, Suely Ferreira.; NETO, Otavio Cruz.; GOMES, Romeu.; MINAYO, Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

GOMES, Romeu. Análise de dados em Pesquisa Qualitativa. *In:* DESLANDES, Suely Ferreira.; NETO, Otavio Cruz.; GOMES, Romeu.; MINAYO, Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: história e histórias**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: O desafio da pesquisa social. *In:* DESLANDES, Suely Ferreira.; NETO, Otavio Cruz.; GOMES, Romeu.; MINAYO, Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado de conhecimento: conceitos finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul.- dez. 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/USER/Downloads/18875-Texto%20do%20artigo-77496-1-10-20141124.pdf> Acesso em: 16 abr. 2021.

MOROSINI, Marília; KOHLS-SANTOS, Pricila; BITTENCOURT, Zoraia. **Estado do conhecimento: teoria e prática**. Curitiba: CRV, 2021.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de índio: versão infantil**. 3 ed. São Paulo: Callis, 2019.

OLIVEIRA, João Pacheco de; ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Prefácio. *In:* SOUZA, Fábio Feltrin de.; WITTMANN, Luisa Tombini. (Org.). **Protagonismo indígena na história**. Tubarão, SC: Copiart. UFFS, 2016.

OLIVEIRA, Teresinha Silva de. Arco, flecha, tanga e cocar...ensinando sobre índios. *In:* SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. (Org.). **Estudos Culturais para professor@s**. Canoas: Ed. ULBRA, 2008.

PALMA, Rogério da; MORAIS, Jayson de Souza. Educação escolar indígena contra o epistemicídio. **Perspectivas em Diálogo**, Naviraí, v. 6, n. 11, p. 217-232, jan./jun. 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/USER/Downloads/7819-Texto%20do%20artigo-26065-1-10-20190701.pdf> Acesso em: 13 ago. 2022.

RIBEIRO, Djamila. O que é: lugar de fala? *In: Feminismos plurais*. Belo Horizonte, Editorial Letramento, 2017. Disponível em: <https://www.sindjorce.org.br/wp-content/uploads/2019/10/RIBEIRO-D.-O-que-e-lugar-de-fala.pdf> Acesso em: 17 ago. 2022.

SARTORI, Jerônimo; PEREIRA, Thiago Ingrassia. A construção da pesquisa no Mestrado Profissional em Educação. *In: SARTORI, Jerônimo; PEREIRA, Thiago Ingrassia. (Org.) A construção do conhecimento no mestrado profissional em educação*. Porto Alegre: CirKula, 2019.

SILVA, Edson; SOUZA, Neimar Machado de. Revisão Bibliográfica sobre o ensino da temática indígena. *In: SOUZA, Fábio Feltrin de.; WITTMANN, Luisa Tombini. (Org.) Protagonismo indígena na história*. Tubarão, SC: Copiart. UFFS, 2016.

THIÉL, Janice Cristine. A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, out. /dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/PJsZ4S3tMLKBmyJ83VKXcQg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2021.

THIÉL, Janice Cristine. **Pele silenciosa, pele sonora: a construção da identidade indígena Brasileira e norte-americana na literatura**. Tese Doutorado, 2006., Pós-Graduação em Letras- Universidade Federal do Paraná, Curitiba 2006.

ANEXO- PRODUTO FINAL



Produto Final

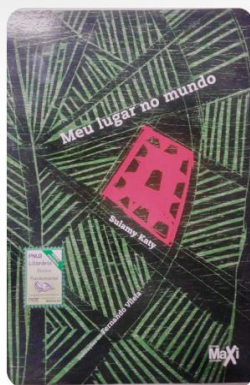


Este catálogo é o produto final da pesquisa de dissertação do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação, nele estão alguns livros que vieram através do PNBE e que podem ser encontrados nas bibliotecas das escolas públicas.

Literatura Indígena

Conforme Thiél (2013), a literatura nativa é composta por muitos povos, por isso a importância de lermos histórias produzidas por aqueles que às vivem.

Muito mais que apenas conhecer, estudar e ler para as crianças, as literaturas Indígenas nos levam pra dentro das suas culturas, pra dentro das suas casas e a par de suas lutas diárias. Seus enredos são recheados de vivência e ousos dizer que de sobrevivência histórica, elas pulsam em cada frase, em cada ilustração e nos aproximam.



Meu lugar no Mundo

Autora: Sulamy Katy

No litoral da Paraíba, em um lugar abraçado pela mata e pelo mar, vivem os potiguaras. Entre eles, Sulamy – uma jovem acostumada a pegar fruta no pé, preparar beiju, dançar na festa do coco, ouvir histórias do avô... Porém, essa vida de tranquilidade está para mudar: Sulamy acaba de receber uma missão especial, e agora precisa deixar a aldeia e ir à cidade grande, onde fará descobertas inesquecíveis.



Karu Taru: o pequeno pajé

Autor: Daniel Munduruku

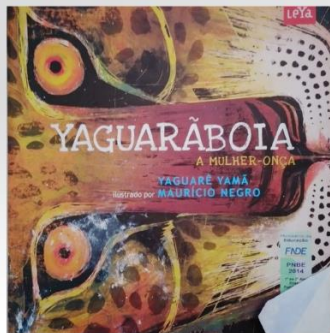
Karu Taru tem só nove anos, e espera-se uma tarefa imensa: suceder o pajé da sua aldeia e conquistar a confiança de seu povo. Ele não entende por que foi escolhido para tamanha missão. Entre conversas com os pais, vivências com o velho sábio e uma incrível viagem ao mundo dos sonhos, Karu Taru faz grandes descobertas.



O povo pataxó e suas histórias

Autores:

Esta obra é resultado de um trabalho feito pelos professores Pataxós, que escreveram, ilustraram e compilaram as várias histórias reunidas aqui, que falam sobre coragem, orgulho, tradição e sua luta pela sobrevivência.



YaguarãoBoia: A mulher onça

Autora:

Este livro resgata a lenda maraguá que narra a surpreendente e curiosa história de uma mulher que come carne de onça e lentamente vai se transformando em um animal mitológico chamado YaguarãoBoia, que tem cabeça de onça, corpo de mulher e cauda de cobra.

Literatura Indigenista

Nas obras tidas como indigenistas, a autora Thiél (2013), coloca que são aquelas também produzidas por não indígenas, que trazem/reproduzem a temática através das lendas, por exemplo. Dentro da perspectiva indigenista, a linha entre a construção dos personagens e seus enredos é muito tênue e estes materiais necessitam de atenção ao serem lidos e analisados, já que a história não é contada por quem de fato vive ela, mas sim por simpatizantes e pesquisadores da temática Indígena.



Curupira, o guardião da floresta

Autora: Marlene Crespo

O curupira não é flor que se cheire – os caçadores que o digam! Ele usa seus poderes mágicos impiedosamente contra aqueles que não respeitam a floresta e os seres que a habitam.



Ubatã, o menino-índio

Autora: Eliana Martins

A história de Ubatã, o menino – índio surgiu da grande preocupação que temos atualmente com o meio ambiente. Quem melhor que um menino-índio, que respeita a natureza e entende os animais para mostrar essa importância? Que a mensagem de Ubatã, transmitida por sua história de coragem e perseverança, possa despertar o guerreiro que há em cada um de nós.

A lenda do Guaraná: mito dos Índios Sateré - Maué



Autora: Ciça Fittipaldi

Primeiro, do olho esquerdo nasceu do menino nasceu uma planta que não era forte. Era o falso guaraná, que anda existe e os índios chamam de 'uaraná-hôp'. Depois, do olho direito, nasceu o guaraná verdadeiro, que os índios chamam de 'uaraná-cécé'. Por isso que p guaraná é assim, que nem olho de gente.

Obras complementares

As obras complementares são obras de "apoio" do professor e da professora. Estes estão destinados a ficar nas salas de aula, pois são materiais, por vezes, instrutivos.



Txopai e Itôhã

Autor: Kanátyo Pataxó

O livro Txopai e Itôhã foi uma criação que nasceu dentro do meu povo. Ele foi criado para falar da beleza, do sentimento, da poesia, da vida e cultura de meu povo. O Índio e a natureza não vivem separados. Fazemos parte dela e ela faz parte de nós. Este livro nos ensina como devemos pisar e caminhar nesta terra com harmonia com todos os seres que habitam aqui.



Viagem ao mundo Indígena

Autor: Luis Donisete Grupioni

A coleção Pawana reúne histórias sobre a sabedoria, as tradições, a vida cotidiana e os rituais dos Índios brasileiros, procurando aproximar o leitor ao universo cultural Indígena.



Juntos na aldeia

Autor: Luis Donisete Grupioni

Este é o segundo livro da Coleção Pawana, voltada a aproximar as crianças da cidade do universo cultural dos índios brasileiros. Como no primeiro volume, a intenção aqui é trazer para mais perto do cotidiano e a vida cerimonial dos povos Indígenas, de forma que eles possam se tornar mais familiares e menos exóticos.

Na imagem abaixo, está o QR CODE do Produto Final da presente Dissertação, o qual será disponibilizado para professores e professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

